

ASSIGNATURAS
 ANNO, 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Está terminada, com immenso gaudio dos interessados na politica dos governadores, a obra do *bloco*, acolhida com extraordinaria indignação pela grande maioria do paiz, despertado bruscamente do sonho de esperanças dos beneficos resultados da refórma Rosa e Silva.

A esta hora, o sr. Affonso Penna, necessariamente muito edificado com a demonstração de menosprezo da lei, dos direitos dos legitimamente eleitos, com as espoliações monstruosas operadas sem resquícios desse obsoleto sentimento que os antigos denominavam pudor, está sendo recebido entre as ruidosas, as effusivas aclamações dos governadores victoriosos numa campanha que marcará uma era lamentavel de decepções, de desastres, nos tristes fastos da politica republicana, tão deprimida, tão achincalhada que ninguem póde mais encaral-a sem um maguado sorriso de desalento. O futuro Presidente ha de estar com os ouvidos atordoados pelos descantes do governador da Bahia, vencedor do sr. Seabra, cuja ingenuidade parece desilludida definitivamente com a derradeira experiencia; saberá que a administração do Estado, primogenito de Cabral, é uma delicia; que o seu povo está nadando num ameno mar de venturas e felicitando os homens que lhes abriram, largas, luminosas, as portas do futuro para a conquista de aspirações do bem estar de uma idade de ouro, de um progresso sem par.

Pelo aspecto das ruas embandeiradas, cheias da multidão curiosa de conhecer o futuro amo, pelo espôcar dos foguetes, pelo repicar dos sinos, pelo ruido do champagne e dos talheres argenteos nas mezas floridas dos banquetes opiparos, s. ex. deve, com effeito, acreditar que a Mulata Velha refocila em plena ventura, graças ao auspicioso trabalho do *bloco*,

que esmagou, sem piedade, todos os descontentamentos recalcitrantes, todas as rebeldias impenitentes contra os homens designados para servirem de instrumento desse grande empreendimento da regeneração do paiz.

Dentro em alguns dias, o sr. Affonso Penna se verá, nas praias dos «verdes mares de liquida esmeralda», asphyxiado pela incontavel familia do patriarcha Accioly, a lhe pedir a benção como ao pae de quem depende a sua permanencia dentro do queijo do poder até que se exgottem as ondas do oceano, até que se apaguem as estrellas do céu, até se quedem silenciosos os ventos do espaço, para bem daquelle povo de heróes incansaveis no soffrimento que lhe infligem a crueza do clima e a estupidez dos seus senhores absolutos.

S. ex. ouvirá os hymnos de triumpho das legiões de capangas policiaes, ameaçando a liberdade de pensamento, a liberdade da palavra, quebrando typographias, vaiando com foguetes de assobio os adversarios insubmissos, asylados na santidade incoercivel das suas convicções, das suas crenças. E julgará, pelo aspecto das folganças, pela profusão dos banquetes, pela opulencia das festas, que aquelle infeliz povo, digno de melhor sorte, não tem razão de se queixar contra o mais ameno, o mais clemente e o mais inconsciente de todos os membros da benemerita familia de governadores.

A perspectiva real, a horrenda perspectiva da triste, da humilhante situação dos Estados empobrecidos pela ganancia sem entranhas, ficará assim disfarçada sob esses europeis ephemeros, arrançados para que o Presidente eleito não veja as chagas, nem sinta, no ambiente toldado por densas nuvens de incenso hypocrita, o cheiro de decomposição desses maltratados membros da nação.

E, de festa em festa, de aclamação em aclamação, nessa longa viagem triumphal, s. ex. repouzará, afinal, na doce illusão de ter viajado no melhor dos mundos, num paraíso, no eldorado dos sonhos de aventureiros tresloucados pela phantasia megalomana.

Esse delirio, essa orgia de boas vindas ao futuro e suprenio arbitro dos destinos do paiz, não permittirão que s. ex. ouça os rumores longinquos, a voz ameaçadora da tempestade formada pelos murmurios que, rompendo os ambientes intimos das consciencias sopitadas, se condensam em colossal clamor, o tremendo clamor dos direitos conculcados, estremecendo pela mais legitima das reivindicações.

Matto-Grosso, o riquissimo Estado, afastado dos contactos da civilização e das providenciaes vistas do Governo Federal, Matto-Grosso se estorce nas garras da anarchia; reedita as vergonheiras da Legião Campos Salles, o inolvidavel, o saudoso creador dessa praga da politica dos governadores.

Apparelham-se forças de mar, forças de terra para suffocarem esse germen de perturbação que está prodigamente semeado em todos os recantos do paiz. Não se sabe si esses batalhões da força federal, mobilizados ás pressas, como na imminecia de um tremendo perigo, são emissarios da paz, ou mensageiros da guerra; não se sabe si as suas bayonetas vão engrinaldadas com ramos de oliveira ou si reluzem sedentas de sangue: o que se sabe, o que não é uma illusão ephemera é que o paiz inteiro estremece num arrepio de desconfiança, precisamente quando necessita de paz, de calma, de seriedade para debellar a crise da producção, essa crise tão falada, tão commentada, tão estudada, que está, entre as mãos de pretensos salvadores, creando cabellos brancos.

Bella oportunidade, não ha duvida, creou o *bloco* para se resolver o problema paulista da valorisação do café. Não ha duvida que essa atmospheria de

incertezas, de desanimos, de decepções amargas, de absoluta descrença no imperio da lei, no respeito aos direitos alheios e na proficuidade das instituições democraticas, é a mais apropriada para o estudo do convenio de Taubaté, a menina dos olhos do *bloco*, para a solução desse problema de duas pernas: uma, no campo economico; outra, no campo financeiro, pernas de um monstro que os creadores se esqueceram de dotar com o adorno de dois pés e uma cabeça.

— Bella oportunidade para nos arriscarmos nessa ventura que váe empenhar no formidavel *bluff* grande parte da fortuna nacional — murmurarão aquelles que testemunham, como victimas, as absurdas, as caprichosas reviravoltas dessa desorientada politica da unanimidade obesa.

POJUCAN.

ARMADA NACIONAL

Ainda a Escola Naval — Industria rendosa — Directores de collegios lentes da Escola — A moralidade do ensino — Os factos espantosos e verdadeiros.

Mas não podemos, já ficou dito, continuar na analyse assim detalhada de toda a congregação da Escola Naval. Sobre os lentes cathedraicos ou substitutos, officiaes ou ex-officiaes da armada, diremos então, resumindo: são em numero de onze, e delles apenas quatro, estão em condições de proficientemente reger as suas cadeiras. Si houvesse exaggero nesta affirmacão, esse exaggero não modificaria o resultado a qua vamos chegar, pois, á vista da moralidade com que o ensino é ministrado naquelle estabelecimento, tanto importa que os lentes sejam sabios, quanto que elles sejam analfabetos.

A' excepção de dois, todos os lentes civis estão na altura de, com resultado, leccionar as suas cadeiras. Esses dois são effectivamente incapazes: um, substituto, ao abrir em 1899, a sua aula, leccionando disciplina que lhe incumbia em virtude de refórma então havida, confessou aos aspirantes seus alumnos, sua falta de preparo na materia, nunca dantes por elle ensinada, e o curso reduziu-se ao estudo (em que elle acompanhava os discipulos) da decima parte dum folheto que os alumnos de cadeira identica, na Escola Polytechnica, não julgavam de grande valor. Outro, cathedraico, de toda a vastissima materia que professa, faz com que seus alum-

nos estudem apenas quarenta paginas, que, como resumo, um conhecido compendio de disciplina co-relata traz em appendice. A cadeira que este rege é technica e exige grande pratica; no entanto, o *doutor* nunca applicou praticamente o que sabe (ou o que não sabe) e a seu respeito conta-se até o seguinte episodio, curioso, mas veridico: tomou a altura do Sol segurando um guarda chuva aberto, para abrigar-se dos raios do astro

Cabe aqui dizer que grande numero dos *doutores* da Escola Naval são sem concurso (iamos dizer sem patente) e devemos ainda accrescentar que, apesar da ignorancia quasi geral da congregação, os programmas de ensino das diversas cadeiras são vastissimos, abrangendo toda a materia; nunca são executados sinão pela quarta ou quinta parte; mas, ao fim do anno, volta a figurar toda a materia nos pontos de exame.

Para dar ainda uma idéa de valor da congregação, diremos que 1899 houve um concurso para substituto de physica e chimica, e a congregação da Escola Naval foi forçada a pedir ás escolas Militar e de Medicina dois lentes, para poderem ser julgados os candidatos. E, si esses cavalheiros quizessem ou pudessem dizer em publico a impressão que lhes cauzaram candidatos e examinadores naquelle concurso, impressão que alguém já teve o desprazer de ouvir, por ventura seria — isto é, o que dissessem a respeito da congregação da Escola, — mais doloroso de que o que dizemos.

* * *

Quando as causas que já estudámos (Num. 80, anno III, dos *Annaes*), determinaram o nascimento de uma intensa corrente de candidatos á matricula na Escola Naval, havia no Rio de Janeiro, dirigidos por lentes dessa escola, dois externatos onde se fazia o curso de humanidades. O senso pratico dos candidatos e dos seus paes, naturalmente indicava esses externatos como aquelles onde, *com mais garantia e proveito*, se podia fazer o estudo dos preparatorios necessarios á matricula na Escola.

Um desses estabelecimentos de ensino, justiça é dizer-se, ou pela menor influencia do seu director perante a congregação, ou porque esse director tivesse menos desenvolvido o espirito mercantil do que o respeito a si proprio, como educador, ficou quasi fóra, desde logo, de gozar os proveitos daquella corrente intensa, proveitos que passaram quasi integralmente

para o outro externato. Deste, o director, para maior successo na industria que começava a explorar, convidou logo mais alguns lentes da Escola Naval para professores do seu instituto de ensino, que se procura hoje equiparar ao Gymnasio Nacional.

Póde dizer-se que, excluidos os que já vinham dos Estados com todos os preparatorios feitos, ou os que procediam do Collegio Militar e do Gymnasio, 70 a 80 % dos candidatos á matricula passaram por aquellas casas de ensino; em maior proporção, na segunda.

Ora, era necessario zelar pelo bom nome dos externatos; era preciso que todos os alumnos, preparados ou não, fôsem approvados. Isso era tanto mais facil quanto, em geral, eram os exames de preparatorios, prestados, não na Instrucção Publica, mas sim perante commissões de lentes e professores da Escola Naval, commissões que haviam sido creadas para examinar os candidatos á matricula na Escola de Machinistas. Os exames prestados ali eram, em geral, vergonhosos, mas as approvações eram certas porque as bancas eram constituídas pelos prepostos dos directores dos externatos, prepostos interessados, como veremos, em que entrasse para a Escola o maior numero possivel de jovens. De 40 e 50 examinandos de cada materia, nenhum era reprovado; todos passavam. Obtinha-se approvação em arithmetica e algebra, sem saber sommar duas fracções arithmeticas ou decompôr um numero em seus factores primos; em historia, sem saber a data da independencia do Brazil, ou attribuindo-se a Pedro Alvares Cabral a descoberta da America. Tudo isto é veridico, não é um meio de que nos servimos para dar idéa do que eram esses exames.

Aquelles prepostos a que nos referimos eram lentes ou professores da Escola; viam logo nessa grande quantidade de jovens mal preparados que iam matricular-se uma fonte consideravel de receita. Effectivamente esses jovens, entrando para a Escola Naval, sem a base necessaria dos preparatorios bem estudados, iriam lutar com enormes difficuldades para estudar as mathematicas elementares e superiores, a descriptiva e, mais tarde, a astro-

nomia, a navegação, a geodesia, a balística etc. Ver-se-iam obrigados a lançar mão de explicadores particulares; e onde melhores explicadores do que no seio da propria congregação? Os explicandos eram muitos: tocava gorda fatia a cada um. Si o lente da propria cadeira não podia ter explicandos, indicaria outro lente, amigo seu para explicador; este pagar-lhe-ia a indicação por indicação identica para os explicandos da sua cadeira.

Depois da industria de explicação dos candidatos á matricula, nascia a industria da explicação de aspirantes.

A congregação da Escola Naval, excluidos alguns lentes, tornou-se uma posto de arranjos.

Em dezembro, 1.^a epocha, apresentavam-se a exame, em um dos annos, digamos, sessenta aspirantes; eram approvados 20 apenas; quarenta, a conselho dos examinadores, retiravam-se em meio das provas, por doentes. Esses, em geral, e ainda a conselho dos lentes, tomavam explicadores para se prepararem para a segunda epocha de exames, em março. Quaes eram os explicadores? Lentes da Escola Naval; quaes os preços das explicações? Fabulosos, incríveis. Que eram essas explicações? Conversas uma ou duas vezes por semana: o exame estava garantido em março, não pelo preparo adquirido, que era nenhum, mas pelo preço das explicações; na segunda epocha, passavam quasi todos os 40 que se haviam retirado dos exames, e eram approvados desta vez com o mesmo preparo que tinham na 1.^a epocha. Quasi todos, dissemos, porque alguns, os mais ingenuos ou aquellos cujos paes eram mais complacentes, eram reprovados em março, tinham baixa da praça de aspirantes, e então os explicadores tinham a *matrícula* garantida por todo o anno lectivo seguinte. Não ha exaggero: tudo se passava tal qual dizemos.

Em 1901, um lente chegou a exercer com tal desfaçatez essa industria, que urgida pelo director da Escola, a congregação impoz-lhe a pena de reprehensão.

Houve, de 1895 a 1900, um aspirante cujo pae pagava annualmente quantia certa e elevada a um lente da Escola, para que este simplesmente garan-

tisse as approvações do seu filho. Dois lentes, em 1900, desavieram-se porque um, mais esperto, arrancou ao outro uma meia duzia de explicandos. Em dezembro de 1899, desejavam prestar exame dum certo anno, 33 aspirantes, que dependiam apenas de uma cadeira do anno anterior: haviam sido reprovados nella e obrigados a repetir o anno; cursaram o seguinte como ouvintes; consultados diversos lentes sobre si julgavam inconveniente aquella pretensão, todas acharam-na, pelo contrario, justissima; no entanto, nas vespersas de serem effectuados os exames daquella cadeira, um dos lentes chamou alguns dos 33 aspirantes e os intimou a que retirassem todos os requerimentos para prestarem exames do anno superior, sob pena de serem todos reprovados na cadeira do anno anterior que lhes faltava. Foi uma surpresa, mas o lente foi obedecido e explicou então que para beneficio dos aspirantes assim procedera; estes não estavam, disse, bem preparados, em uma das cadeiras; deviam tomar explicadores até março, e concluiu « Eu não posso tomar a todos por alumnos; são muitos; ficarei com metade. Que diabo, 50\$000 por mez, para quem váe saír guarda-marinha em março, não é nada! »

Os 50\$ choveram; aulas não houve, mas em março os 33 saíram effectivamente guardas-marinha.

Factos como essés ha aos centos. Não insistiremos nelles porém: o que dissemos basta para que se faça uma idéa do valor do preparo e da moral de grande parte da congregação da Escola. Deixamos de falar, por agóra, na industria annexa e mais vergonhosa do que a de explicação de aspirantes: a de explicação de pilotos.

Começamos esse rapido estudo sobre a Escola Naval quando dissemos que a sua congregação, outros fôsem o saber e a seriedade de grande numero de seus membros, teria podido, administrando um ensino completo e empregando justo rigor nas provas, evitar que chegasse a haver hoje o excesso de officiaes subalternos que já assignalámos. (Num. 80, anno III, dos *Annaes*). Acabamos de ver, conforme previmos, que, por interesse e ignorancia, a congregação não quiz e não pôde prestar este serviço.

O mal existe pois; é sem remedio, já? Veremos que não.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXII

Na carencia de methodo com que procedia a Constituinte na direcção de seus trabalhos, não se contentou com ter perdido tempo na discussão preliminar que narrámos no artigo anterior, discussão inteiramente improficua, visto como o ministro da Marinha havia communicado o successo, promettendo remetter á Camara todos os esclarecimentos e papeis concernentes á missão do marechal Luiz Paulino; ainda mais demonstrado estava o proposito do Governo Imperial de não occultar coisa alguma, por haver o ministro de Estrangeiros incumbido ao deputado Carneiro que fizesse, em seu lugar, participação do facto, prevenindo a immediata remessa dos papeis, cujas copias estavam se preparando. Entretanto, nova perda de tempo ia haver com a resolução, pedindo taes papeis e informações. Na sessão de 10 de setembro, o secretario Maciel da Costa (marquez de Queluz) leu os officios do Governo e copia de todos os papeis. No officio, se dizia que s. m. estabeleceu, como condição *sine qua*, estar resolvido a não entrar em conferencias nem ajustes e convenções quaesquer com o governo portuguez sem que lhe servisse de base o reconhecimento da independencia do Imperio e que não permittia desembarque. Acrescentava s. m. o Imperador que, parecendo-lhe este negocio de summa importancia e querendo mostrar sua intima conformidade com a Assembléa Geral, o offerece á consideração da mesma Assembléa para que haja de resolver o que será mais conveniente: si mandar que regresses promptamente para Lisbôa o sobredito bergantim com o referido marechal de campo, etc.; finaliza asseverando que todos estes papeis e informações já estavam promptos para serem remettidos antes de receber o pedido da Camara.

O deputado Vergueiro opinou que todos os papeis fôsem impressos.

Rompeu logo um nutrido debate no qual intervieram Henriques de Rezende, França, Carneiro de Campos (ministro de Estrangeiros), que deu algumas explicações; Antonio Carlos, que requereu que os papeis fôsem enviados a uma commissão; Carneiro da Cunha, Ribeiro de Andrada. O presidente consultou a Camara, que decidiu commetter o exame da materia á commissão de Constituição que, no mesmo dia, apesentou parecer e depois de algumas considerações, concluiu: «1.^o, que chegado a este porto esses emissarios de s. m. fidelissima, o Governo lhes permitta o desembarque

se apresentarem titulos que os caracterisem verdadeiros parlamentarios; 2º, que sejam, porém, guardados por uma guarda que os honre e defenda a arbitrio do Governo, que tomará todas as medidas para evitar qualquer comunicação; 3º, que o Governo não admitta algumas ultteriores negociações, que não tenham por base o authenticico e expresso reconhecimento da independencia e integridade do Imperio brasileiro, e por esta occasião as commissões possuidas de gratidão, que deve animar toda esta Assembléa, louvam e agradecem a s. m. o Imperador a resolução já tomada e por sua ordem communicada ao marechal Luiz Paulino; 4º, que este marechal, se apresentar as instrucções, a que se refere o seu officio de 7 do corrente, para legitimar a sua missão parlamentar, seja conservado no porto a bordo da embarcação em que se acha até que cheguem os outros commissarios para com elles desembarcarem, como lhes tem sido permittido; 5º, que no caso de estar o mesmo marechal realmente doente, o Governo lhe possa permittir o seu desembarque para onde melhor convier, facilitando-lhe o tratamento com devida hospitalidade e necessaria cautela; 6º, que, quando aconteça que o dito marechal não se legitime com o character parlamentar, não tendo ou não querendo apresentar as instrucções, o Governo faça aprezar a embarcação com todos os seus pertences, e egualmente o marechal Luiz Paulino, officiaes e tripulação, que serão considerados prisioneiros de guerra para passarem pelo mesmo destino que tiverem os prisioneiros; 7º, que o mesmo procedimento se terá com os outros commissarios, em eguaes circumstancias, e com as embarcações em que vierem.»

Eis, na integra, o parecer das commissões que nos encheriam de pasmo, si as commissões das nossas Camaras posteriores ou das actuaes escrevessem aquella alluvião de minucias pueris. Comquanto a Constituinte será, na historia, considerada, talvez, o mais mediocre dos nossos corpos legislativos, todavia avultava ali um grupo de intellectuaes que merecem respeito e subida consideração e que provaram não só talento, como variada instrucção. Não se sabe como o parecer que ensina ao Governo tudo que deve praticar, não lhe marcou a dóse de alimentos que deveriam fornecer aos commissarios de d. João VI, rei de Portugal!. Raras vezes, lê-se um documento tão irrisorio e futil, comprobatorio da tollice humana.

O deputado Vergueiro opinou que se adiasse o parecer, porque não era tanta a urgencia que se precisasse da discussão já. Antonio Carlos, conforme o vezo antigo, diz que a As-

sembléa reconhece que o Governo é que deve tomar as medidas necessarias, e eu, — blasona o orador paulista — e eu sou realmente o maior inimigo das ingerencias; mas o caso é mui differente». Este Antonio Carlos faz lembrar um ditado vulgar: «bem préga frei Thomaz: uma coisa diz e outra faz». Nos varios discursos em que se occupa das *ingerencias*, tropeça de contradição em contradição. Foi um defeito que lhe notou o illustre jornalista Evaristo da Veiga, num dos numeros da *Aurora*. Correu rapida a discussão sobre o parecer, que se resolveu adiar por dois dias.

Na sessão de 16 de setembro, veio á tona o irrisorio e pueril parecer concernente ao caso do bergantim *Treze de Maio*. Rompeu o debate o deputado Carvalho e Mello, que fez algumas considerações: seguiram-se outros oradores, como Muniz Tavares, que enviou á meza uma emenda; falou depois o representante da Parahyba, Carneiro da Cunha. Compartiram do debate Alencar, Almeida Albuquerque, Rodrigues de Carvalho; que, no desenvolvimento do seu discurso, proferiu as seguintes phrases, que bastam para julgar o parecer e a sua inutilidade: «Nós sabemos que o chefe da nação já declarou mui positivamente que não admittia proposição alguma do governo portuguez, sem a decisão preliminar do reconhecimento da independencia do Imperio; logo parece desnecessario inculcar o procedimento que o ministerio deve ter, quando elle já o declarou á Assembléa e váe coherente com o que ella julga conveniente». Ao representante do Ceará succede na tribuna o orador bahiano, Montesuma, que, naquella tom de sarcastica eloquencia, falou: «Eu, sr. presidente, fui o primeiro que, ao annunciar-se o parecer da commissão, me oppúz a elle, dizendo que era necessario comportar-se a Assembléa de fórma que não parecesse pretender ingerir-se em coisas que lhe não pertenciam». O orador desenvolve, com aquella animação de voz e de gesto, com aquella vigorosa dialectica, que eram uma das forças do seu verbo vibrante e luminoso — longa cadeia de argumentos: «Ora, pondera elle, como o Governo dá parte das medidas já tomadas por elle, cumpre approval-as ou desapproval-as e fazer disto um artigo da nossa resposta para satisfazermos o Governo. Isto não fez a commissão, calou-se e nada responde.»

O illustre orador bahiano que, já na Constituição presagiava que será notabilissimo nos futuros parlamentos do regimen representativo e constitucional, observa, com pungente ironia: «Ora, dizer ao Governo que deve pôr uma guarda ou não aos commissarios;

que deve prohibir-lhes ou não comunicação com os habitos da cõrte, é inutil, ocioso; é ingerencia perigosa». O orador pulverizou o parecer, criticou severamente o modo pelo qual a Assembléa tratou deste caso do marechal Luiz Paulino. Oraram ainda sobre a materia Araujo Lima (marquez d'Olinda) confessando que, em bõra fizesse parte da commissão, todavia não approvou nem concordou *in totum* com o parecer, redigido sob a inspiração de Antonio Carlos, tambem membro commissão: indicou varios defeitos. Falaram os deputados Almeida Albuquerque, Vergueiro, França, Dias, Pereira da Cunha, Silva Lisboa; todos voltaram no mesmo circulo de idéas, na mesma confusão das *ingerencias* dum poder nas attribuições dos outros e nos tramas que se urdiam em Portugal contra a nossa independencia.

Antonio Carlos, membro da commissão, tendo assignado o parecer, não tomou parte no prélio parlamentar — elle sempre resolutos ás luctas da palavra. Porque preferiria o silencio e perdeu a occasião de esponder as suas theorias da metaphysica da divisão dos poderes?

Antonio Carlos, antes da demissão do gabinete de 16 do janeiro, lobrigava, até numa *supplica* do Governo, *ingerencia* do Legislativo nas attribuições do Executivo. Agóra mesmo, no tocante ao caso do marechal Luiz Paulino, declara-se inimigo das *ingerencias*; entretanto, é um dos signatarios do parecer, quiçá seu redactor. Mas que é tal parecer? Um actor em que a Constituinte dicta e ordena ao Governo a norma de proceder, que deve observar para com os commissarios de el-rei de Portugal; tira-lhe toda a liberdade de acção.

O publicista e orador paulista olvida de que semelhante *norma, ou regulamento* supprime uma das condições essenciaes da divisão dos poderes, isto é, a responsabilidade. Ora, sem a liberdade, é impossivel a responsabilidade e sem a responsabilidade não ha poder limitado e constitucional; ha poder não constituido dentro de limites, portanto irresponsavel — absoluto. Ao orador paulista, evidentemente, não faltam *contradições*: eram por demais *calvas* as do parecer, que tutelava o Governo, com as doutrinas constitucionaes, que sempre preconizava e não praticava.

A Camara consagrou a sessão inteira de 16 de setembro a discutir o caso do bergantim *Treze de Maio* para dizer aquillo mesmo que o governo em suas informações havia communicado que praticaria, sem o ridiculo apparatus das frivolas minucias do parecer, que *nenhuma idéa propria* soube

suggestir; pôde-se dizer que *plagiou* o Governo.

Ao contrario, nesta materia, o Poder Executivo não abriu mão de suas attribuições, não se lhe pôde arguir de não ter sabido manter a esphera de suas attribuições constitucionaes, segundo a theoria da divisão dos poderes. Nessa mesma theoria, é um dos principios cardeaes — a *harmonia* no mendeio do machinismo; porque sem esta *harmonia* — ou os poderes chocam-se, combatem-se; um absorve e suprime o outro; ou empece a acção um do outro. Na primeira hypothese, domina o absolutismo irresponsavel; na segunda, a theoria da divisão torna-se absurda e o machinismo cabalmente inutil por inerte e inexequivel. Teremos occasião de demonstrar que Antonio Carlos, a despeito de ostentar grande erudição ácerca do mechanismo constitucional da Inglaterra, parece ter sobre elle idéas incompletas, ou falsas. Esperemos vel-o discutido o projecto de Constituição, que elle redigiu.

Eis ahí como a Constituinte, por incapacidade e inexperiencia, perdia o tempo, não cuidava de discutir o projecto da lei fundamental, que a nação anhelava e cuja demora augmentava, cada vez mais, o descredito da mesma Assembléa.

Do caso do bergantim *Treze de Maio* os Andradas prevaleceram-se para agitar a Camara, e todos tres tomaram activa parte nos debates. A *trindade andradina* julgou opportuno o momento de tirar uma desforra da demissão com que o Imperador os havia fulminado. Note-se que, além da *ingerencia*, a *trindade andradina*, em seus discursos, procura tornar d. Pedro suspeito e odioso e açular as desconfianças. Antonio Carlos affirma que o Imperador já *tinha tido entrevistas* com o commissario de Portugal: era uma falsidade, que servia para crear suspeitas, prevenir o povo contra o filho que, ás occultas, escutava e entendia com os enviados de el-rei d. João VI, seu pae. Esse manejo de eurêdos, em que a Constituinte era cúmplice, não escapava á perspicacia de d. Pedro, que todavia dissimulava. E para dar maior gravidade á questão e avolumar as suspeitas sobre a lealdade do Imperador — ao passo que José Bonifacio declarava as cartas, que recebeu, prevenindo-o dos tramas, que, em Portugal, se urdiam contra a Independencia, Antonio Carlos assegurava que o conde de Palmella esforçava-se em metter a Santa Alliança nas questões do Brazil com Portugal, dizendo — «isso, porém, não me assusta, visto os interesses da Inglaterra não permittirem a intervenção da liga dos reis nos negocios da America». Ora, si vos não assusta, porque levantastes

tamanho rumor pelo caso do insignificante bergantim *Treze de Maio*, considerando-o um terrivel perigo para o Brazil? Porque exaggerastes os esforços do conde de Palmella junto á Santa Alliança? O que era e o que podia fazer nol-o diz a historia daquelle epocha — «*le but avoué de cette convention* (escreve um historiador) *était d'appliquer les maximes de l'Evangile aux relations des souverains entre eux et au gouvernement interieur des differents Etats. Cette ligue fut en realité dirigée contre la France, et elle se proposa sur tout de combattre dans toute l'Europe les progrès des idés revolutionnaires*». Formavam a Santa Alliança os imperadores d'Austria, da Russia e o rei da Prussia.

Todo esse rumor se fez para intalar d. Pedro em graves difficuldades, deante da nação, que desconfiava querer ou pretender elle restaurar a monarchia antiga do regimen absoluto.

Antonio Carlos procedia de má fé; não podia ignorar que o ministro inglez — o illustre G. Canning — já havia rompido com a Santa Alliança e, a despeito da opposição de lord Aberdeen á frente dos *tories*, favorecia a independencia das colonias americanas. Quasi todos os historiadores da Restauração, em França, mostram que a *Santa Alliança* era impotente para intervir nos negocios estranhos; ella não pôde impedir nem dirigir a intervenção franceza na Hespanha, em 1823, quando a invadiu o exercito do príncipe de Angoulême.

Porque, pois, o orador paulista ameaçava o Brazil com a intervenção da *Santa Alliança*? Não resta duvida; representava uma *scena comica*, que lhe era habitual...

No fim das contas, o exame dos factos apura o seguinte: — 1º que as medidas que o parecer da commissão appresentou, e a Camara approvou, contém litteralmente as medidas já tomadas e indicadas pelo Imperador: — 2º que o iucidente do *Treze de Maio* era sem importancia, e não teve nenhuma consequencia; foi um negocio, que, por si mesmo, se nullificou.

A' vista da realidade — que juizo, hoje, devemos fazer da Constituinte e das mediocridades que a compunham?

Fomos, por longo tempo, echos da opinião dos *fetichistas* do genio, da sabedoria e do patriotismo dos Andradas: só nos desculpava e justificava uma coisa — não haviamos esmerilhado os acontecimentos nem compulsado os documentos. Manter a admiração pela Constituinte e por taes homens só provará a subserviencia da nossa vontade ou a nossa imbecillidade.

Na sessão seguinte, 17 de setem-

bro, a Assembléa continuará a discutir os artigos da Constituição.

EUNAPIO DEIRO.

PAGINAS ESQUECIDAS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Na data de amanhã, em 1890, pôz, como sabem, termo á vida, com uma bala no ouvido, o trabalhador glorioso que foi Camillo Castello Branco.

Poucos mezes antes, quando o artista foi buscar a Lisboa o desengano da sciencia á sua cegueira, Fialho o recebeu com o artigo que agora transcrevemos, dando-lhe o proposito de uma homenagem commemorativa á memoria do grande escriptor.

Está em Lisboa ha quinze dias o illustre grande homem, e nenhum signal de festa, nenhum movimento effusivo e unanime da opinião e da imprensa ainda fôram accordar por debaixo das janellas da casa em que elle habita, rastro sequer d'ovação que tráia o applauso dum povo culto, duma geração litteraria ou duma simples *cotterie*, pelo espirito torturado e immortal de quem não é só um cultor das lettras e das artes, um grande e ferreo chefe, sem discipulos nem soldados — mas uma litteratura completa, inconfundivel e extraordinaria.

Nem os simples estudantes dos cursos superiores, prestes sempre, pela espontanea effervescencia do seu entusiasmo, a fazerem justiça á misantropia destes grandes forçados da arte, como Camillo; nem os homens de lettras, muitos dos quaes ha uns poucos d'annos chouteiam na esteira da lingua que elle fez, e da poderosa ironia que elle cinzelou; nem os admiradores, nem os intimos, souberam na hora da velhice, quando o martyr escabuja nas atrocissimas angustias da cegueira e da nevrose, refrigerar-lhe a alma trucidada, erguer-lhe a vencida coragem, com uma manifestação collectiva d'apreço que o fizesse voltar á aldeia, enternecido ao menos por este grande unisono de justiça.

E, todavia, escriptor algum portuguez melhor bem-mereceu ainda das nossas homenagens, pela vehemencia da sua obra, pelo travor mordente da sua ironia e da sua arte, pelo teclado de riso e lagrimas que ha ferido, pela naturalisação eminentemente portugueza do seu genio, e impressiva lucidez da sua affectividade. Ao lado

deste homem, Deus me perdôe, mas cuido que a trilogia romantica empalidece.

Garrett, por exemplo, é o poeta *petit-maitre*, o lyrico sceptico, o romancista *dilettanti*, cujo genio só no *Frei Luiz* consegue eximir-se ás preoccupações de dandysmo litterario que o conspurcam. Como um monge medievo, o rude Herculano (falo do artista), quasi só fere duas notas com grandeza—attingir na poesia o grave tom dos hymnarios do catholicismo primitivo, e explicar a historia visionando-a através a contextura quasi sempre emphatica dos seus romances. Castilho afunda-se, e delle sobrenada apenas o rethorico de força, que não tendo ejaculado vida na sua arte, para logo debandou da sympathia das turbas, começando a resequir nas paginas das *Selectas*, e a amarellecer nas citações dos compendios de grammatica elementar.

Só este nome de Camillo parece desafiar o tempo e o carnaval das escolas litterarias que se succedem e desfilam, hoje radiantes, desfloradas e murchas amanhã, qual mais da moda, e todas em breve esparsas e sepultas, apenas servindo a revelar na fereza magnifica da obra delle, mais uma aresta, um promenor, uma arcaria, uma portada; e através desses cento e trinta volumes, perspectivas profundas, horisontes d'arte incomparaveis, vortilhões de tragicos desfechos, gargalhadas e supplicas: e por espaços, entre as imprecações e os soluços, as brutalidades e os sarcasmos, algum doce perfil que ras-teja, como a filha do ferrador no *Amor de Perdição*, archanjo e victima, té aos humbraes da mais extreme dedicação.

*

Vi hontem, numa carruagem, Camillo. Era a primeira vez que essa figura me apparecia, oh diversa, muito diversa da que a minha adoração tinha sonhado! E' uma physionomia estranha, extincta, immovel, quasi tragica, onde o cabello põe brumas de velhice, e o bigode branco, grande, caído, faz sobre a bocca como a cortina dum leito onde estivesse a dormir uma grande vóz. A emaciação da doença cobre-lhe dum livôr esverdinhado a pelle flaccida do rosto — que

socavado, tem da caveira a expressão sardonica e soffredora — e por todo elle nem um lampejo da devoradora chamma do genio, que se lhe concentra talvez no fundo do craneo, abandonando a superficie, como a alma desses vulcões que resfriam, cicatrizando a cratera co'as escorias da sua ultima erupção.

Toda a figura adquiriu agóra uma expressão de *courbature* alcachinada, lassa e desfeita, que só se desmancha nos raros momentos de revolta contra a dôr, e só de longe se alumia por algum daquelles flämmejantes doestos contra a impotencia dos clinicos, na arte de rejuvenescer para a labuta da escripta esse doutor Fausto que não pôde resignar-se á idéa de ser velho, e a quem a morte horrorisa, não pela idéa do aniquilamento, mas pela repulsa atróz da podridão.

Como o romantico Flaubert, este poderia ter soltado o grito d'alma:

— *C'est étrange, comme je suis né avec peu de foi au bonheur!*

A philosophia dos seus romances está talvez neste conceito: *a falta de fé na felicidade*: neste conceito que pôz no seu espirito um tão amargo travor das coisas da existencia. Mais oit menos, elle tem sido toda a vida um revoltado. A sua mesma alegria sabe a fél. A mesma sua serenidade era uma especie de madorna, em que não raro se estava preparando uma tormenta. A sua bondade chegava a espavorir os proprios que della sugavam beneficios, tão coriscante a sua feição de revelar-se.

Por isso, entre as manifestações da sensibilidade moderna em litteratura, a obra de Camillo é uma das que na Europa mais caracteristicos specimens offerece, e aquella em que a interferencia auto-biographica do escriptor no drama idealizado, resae completa, vibrante, alastrando raizes por toda a psychologia artistica dos typos que nesse drama conflagrem e escaramucem.

Vindo a publico já numa epocha de transição e derrocada, quando o idéal romantico, com a sua allucinação de grandezas, e a sua febre de heroico e d'anormal, fugia ás azagaias dos primeiros mercenarios naturalistas, Camillo haveria sossobrado como tantos outros, cujos volumes perdidos ainda

ha trinta annos eram reputados obras primas, se não tivera a sanear-lhe os impetos creadores um espirito d'analyse fertil, e uma ironia de grande raça, que derivada em sarcasmo, nos seus ultimos pamphletos, ha de ecoar por seculos na litteratura portugueza, sendo talvez preciso nomear Rabelais, para que o sarcasta de Seide definitivamente encontre o seu irmão mais velho.

Elle, entretanto, como todos os grandes, não pertenceu jámais a escola alguma: nem Hugo, nem Flaubert; nem papá Dumas, nem Zola. Elle mesmo, é camillesco. Creou um genero de graça e linguagem que se lhe colla ligeira ao temperamento, como um *maillot* que revestisse o tronco dum Hercules Farnesio, traíndo as arestas dum espirito, a architectura dum sonho interior, o formidando *victus* duma emoção—e aquella indomavel, aquella extraordinaria epilepsia do seu desprezo por tudo quanto, escabujando-lhe aos pés, queira mordel-o.

*

Em trinta e seis annos, cincoenta e quatro romances publicados, o primeiro dos quaes, *Anathema*, tendo vindo a lume em 51, ainda agóra se lê com sympathia, ao cabo de tantas e tantas revoluções na arte de narrar e d'escrever. Em todos esses livros, o poeta dá o braço ao analysta: e a analyse, posto que incisiva, não vivisecca os typos até aos seus ultimos promenores de histologia, nem decompõe o trabalho duma cabeça, como faz Zola, idéa por idéa, e impulsão por impulsão. Neste luxo de sciencia, que é um dos mais habeis artificios do romance moderno, muita vez o sabio prejudica as qualidades inventivas do artista, reduzindo a obra d'arte a uma monographia secca, a uma especie de historia clinica, em que o rigor do detalhe expulsa o sonho, substitúe á arte a medicina, abdica da phantasia em favor da fórmula, e dispensa a criação do talento individual, para produzir romances como quem cozinha pasteis, segundo uma receita doseada, monotona, e sempre a mesma. A isto chegaram os descendentes do flaubertismo em França, como Paulo Bonnetain, J. K. Huysmans, Camillo Lemonnier, e o sobrevivente dos dois

Goncourt, que ao sentir-se estancar, proclama a monographia, no prefacio da *Cherie*, como a fórmula assignalada ao romance do futuro.

E' ver como Camillo triumphava em todas estas preoccupações alambicadas, e leva ao romance as exigencias da sua paixão ardente e sempre nova, e nos visiona o seu mundo através os sobresaltos crueis da sua phantasia. Para a reconstituição dum typo, dois ou tres factos lhe bastam, como a Cuvier bastava uma maxilla e uma vertebra, para a reconstituição dum ante-diluviano.

Entre esses factos, vem o poeta intercalar o que falta para a completa remodelação dum personagem. E é admirar-lhe a sobriedade e a precisão! Por vezes, no enchadrezar dos caracteres, ha singulares revelações de psychologia individual: o homem fala por detrás das suas figuras, como nas *Novellas do Minho*, e naquelle extraordinario romance do *Esqueleto*: exaspera-se da sua angustia, entenebreceas da sua melancolia negra e irreparavel; e sem querer váe-nos contando os annos da sua mocidade, as miserias soffridas, trações, desgraças, illusões e sonhos desmanchados. A sua nervosidade compraz-se em dramas curtos e precisos, cuja catastrophe se precipita, entre os granisos da ironia ou da colera, sempre justa e animada dum sopro que por vezes chega a ser mi-guelangesco.

Não váe, porém, o tempo a sabor d'apothoses espontaneas, nem a sociedade portugueza agora tem momentos lucidos para attentar nos immortaes que não hajam subido a pedestal, pelas escadarias sebosas de S. Bento.

Mas se entre os homens d'agóra—eu dirijo-me aos novos—houver ainda um vislumbre da antiga integridade, se ainda houver na alma da mocidade portugueza, emotividades que lhe alumiem o caminho da justiça, ouzaria eu propôr fôssemos todos, de chapéos ao vento e braçadas de flôres, passar por deante da casa de Camillo, como Paris, no dia em que Victor Hugo completava oitenta annos.

Oh, como seria doce a Camillo, cuja obra resume, como a de Herculano e a de Garrett, a genuina litteratura portugueza; como lhe seria doce o escutar de boccas amigas, numa ova-

ção suprema, palavras d' affecto que lhe enchessem de paz os ultimos dias! e como havia de resignar-se a entrar na grande noite, esse rebelde, que sendo o maior escriptor portuguez do nosso seculo, ainda achou meio de ser tambem, entre os homens de genio, o maior desgraçado!

E dahi quem sabe! Com um pequenino esforço mais, poderiamos assentar cúpula d'oiro, sobre o edificio desta generosa iniciativa. Solicitariamos do publico auxilio collectivo para uma grande edição nacional das obras de Camillo, para a qual todos os nossos artistas déssem illustrações, e que assim ficaria entre as memorias do tempo, como um protesto ás apothoses por ahi feitas, na politica e na arte, aos Judas de semestre, que emquanto fingem beijar na face a patria, o mais que pensam é em receber o oiro dos phariseus.

FIALHO D'ALMEIDA.

Vendem-se collecções dos « Annaes » ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

NÃO SEI

Não sei, não sei como occultar ainda
Aos olhos do universo o quanto sinto,
Si o que escrevo, o que digo, si o que pinto
Nos meus versos, revelam a chamma infinda
Do meu infindo amor!
Amor, que me inspirou risos e prantos,
Amor, com que eu compúz meus pobres cantos,
Cantos de riso e dôr!

Quem haverá que, lendo estes meus versos,
Que d'alma a essencia trazem na linguagem,
Não encontre do amor na chamma emersos,
Ondulando teu nome e tua imagem?
Porque, pois, occultal-os friamente,
E o meu amor ferrenho,
Si a causa de meu estro—si é que o tenho—
E's tu, sómente tu!... E's tu sómente...

Deixa ao menos que eu cante o amor profundo
Que consagro á belleza em que me inspiro
Num poema de amor que diga ao mundo
Qual o santo idéal por que suspiro!
E' preciso o teu nome, esse thezouro,
Para a gloria que almejo, a mais suprema,
E me sirva de chave, e chave d'ouro,
A' derradeira estrophe do poema!...

Rio, maio de 906.

J. BENEDICTO COHEN.

APANHADOS

Em um dos seus excellentes artigos publicados na *Revue*, de Paris, o brilhante publicista William T. Stead, propoz, com a sua habitual superioridade de vistas, a creação de um orçamento da paz, estudando a posição da França e da Inglaterra na Conferencia de Haya, e indicando os meios de realisação da mais fecunda aspiração dos povos cultos. Deesse notavel trabalho, extraímos os seguintes excerptos:

Si a segunda Conferencia de Haya se reunir em julho, será provavelmente muito mais representativa do que a de 1899. Desta vez, concorrerão as republicas sul-americanas. Os Estados-Unidos e o Mexico fôram os unicos governos do Novo Mundo a enviarem delegados á capital neerlandeza. A presença dos representantes do Chile e da Republica Argentina, potencias que haviam realizado o desarmamento mutuo, augmentará o interesse e a utilidade da Conferencia.

Mas... a questão dos armamentos, primeira na ordem do dia em 1899, está excluida, em termos expressos, do programma da proxima Conferencia. O novo parlamento de Man, a mais representativa das assembléas do mundo vê interdicta a discussão da questão que o imperador Nicolau II, em 1899, submettia com urgencia á attenção de uma civilisação ameaçada de ruina pelos seus proprios armamentos. Nessa interdicção, vemos os desastrosos resultados das guerras que as potencias signatarias da convenção de Haya reprehenderam na Africa e na Asia. O proprio czar, idéalista, abandona como utopia o sonho da paz universal e fecha, suspirando, as portas da esperanza á face da humanidade. E não é sómente a paz universal que deixa de ser attingida: não nos podemos arriscar, ao menos, a reduzir um ceutil dos onus esmagadores dos nossos armamentos militares e da marinha. Essa impotencia é tanto mais penosa quanto, no acto final da Conferencia de 1899, encontrámos a mais solemne affirmação da necessidade de reduzir os armamentos.

A seguinte declaração foi adoptada por unanimidade:

«A Conferencia julga que a limitação dos encargos militares que actualmente pezam sobre o mundo, é muito desejavel para o desenvolvimento do bem estar moral e material da humanidade.»

Para insistir mais sobre esse ponto, a Conferencia tomou em seguida, sem discrepancia de um voto, a resolução seguinte:

4º voto—A Conferencia faz votos para que os governos, tomando em consideração as propostas feitas, estudem a possibilidade de um accordo concernente á liquidação das forças

armadas de terra e mar e os orçamentos da guerra.»

Essa piedosa aspiração não foi realizada por todas as potências que lhe deram a sua adhesão. Nenhum estudo foi feito no sentido daquelle voto. Ao contrario, todos se dedicaram a outros assumptos, especialmente á possibilidade de levar ao extremo a rivalidade dos armamentos progressivos.

*

Não se pôde commentar sem tristeza a vaidade dos projectos humanos, quando se considera que, nos sete annos decorridos depois da ultima Conferencia, para discutir a proposta de suspensão emanada do czar, o orçamento naval e militar, em toda a parte augmentou mais rapidamente do que em qualquer outro periodo analogo da historia. Si, para citar apenas um exemplo, o governo britannico tivesse agido de accordo com a sua dedicação, solemnemente expressada á causa da arbitragem e accedido o appello dos boers ao tribunal de Haya para regular o conflicto africano, teria evitado a guerra, teria economisado um excesso de despesa de 250 milhões de libras esterlinas no seu orçamento militar.

Si a Conferencia tivesse adoptado a proposta da suspensão feita pelo czar e si a Inglaterra a ella se tivesse conformado, a nação ingleza teria economisado uma aggravação do seu orçamento militar e normal em cerca de 28 milhões de libras por anno.

Os armamentos da Europa, ante os quaes se apavorava a imaginação do czar em 1888, são actualmente muito mais pavorosos. O onus tornou-se mais esmagador para os povos. E todavia o soberano que advertira a humanidade de que os armamentos, então muito mais suaves, ameaçavam o mundo de uma catastrophe em que poderia perecer a propria civilização, fecha agora tristemente, com tranca e ferrolhos, as portas até á simples discussão do desejo de evitar a catastrophe.

A proxima Conferencia não foi ainda convocada para discutir a redução de armamentos e os meios de evitar a guerra. Ella se occupará sómente das propostas de regularização dos direitos da guerra, da definição do contrabando, dos direitos e privilegios dos neutros. A guerra é considerada como inevitavel, faz parte das eternas obrigações das nações e, como a guerra permanente é um postulado, o mais que se pôde fazer é determinar-lhe os limites, assegurar aos combatentes a livre arena onde poderão liquidar os seus agravos. Admittindo esse postulado, o objecto da Conferencia não pôde suscitar objecções. Mas fóra do

circulo estreito dos juriconsultos internacionais, ella não excitará interesse, não provocará enthusiasmo. Não haverá, por tráz dessa conferencia nenhum vestigio do sentimento popular que teve a sua expressão na cruzada pacifica de 1889-1899. Seus debates serão conduzidos por homens experimentados, versados em conhecimentos technicos das respectivas profissões. As sessões serão acompanhadas com interesse demasiado por todas as nações do mundo e serão ignoradas pela grande massa da humanidade.

E' uma desgraça. A reunião, na mesma assembléa, de representantes de todos os governos do Globo, oferece á humanidade uma oportunidade que não deveria ser sacrificada ás questões de simples contrabando e bombardeamento. As conferencias preludiam, como fazem os precursores, no parlamento do mundo. Aquelles que alli se encontram são os pioneiros do congresso dos Estados Unidos do mundo civilizado, os quaes faltarão, miseravelmente, aos seus deveres, si não derem um bem definido passo para adeante, por diminuto que fôsse para o idéal do Estado mundial.»

SCIENCIA E INDUSTRIA

A immuidade.—Varios factores.—Toxicos e anti-toxicos.—Precipitinas, alexinas.—A theoria de Metchnikoff.

A immuidade é um captivante assumpto de investigações proficuas e curiosas como as relatadas pelo dr. Paul Le Conte na revista *La Cellule*, de Louvain.

Obteve-se a toxina da fadiga fazendo-se o extracto de um musculo fatigado. Applicada no coelho por injeção intraperitoneal, essa toxina produziu-lhe no sangue uma reacção, da qual resultou uma anti-toxina pela qual poderia ser inutilizada a acção daquelle veneno.

Provou-se experimentalmente que, si uma especie de animal, que chamaremos—*A*, se tornasse immune com o serum de uma segunda especie—*B*, o serum da especie—*A* precipitaria toda a materia albuminosa da especie—*B*, mas não affectaria o serum de uma terceira especie.

Uma classe de elementos conhecidos como *precipitina* serve, nos casos de medicina legal, para distinguir o sangue de diversas especies. Em muitas séries de experiencias, fóram extraídas precipitinas de mumias, uma da idade de cinco mil annos, outra de um menino, antiga, de dois mil annos. As precipitinas obtidas por esse meio

deram as reacções habituaes, donde se concluiu que esses corpos conservavam as suas propriedades durante aquelles longos periodos de milhares de annos.

A immuidade depende de diferentes factores, muitos dos quaes não são ainda bem entendidos, demandando mais completas investigações.

Os elementos resistentes do sangue comprehendem substancias conhecidas como anti-toxinas, aglutinas, precipitinas, alexinas, e outras. A questão versa sobre saber onde se originam as substancias peculiares que tornam o sangue resistente ás molestias e evitam o desenvolvimento dos germens morbidos.

Os cientistas pensam que a alexina, que tem o poder de destruir microbios, pôde ser produzida pelos globulos brancos do sangue, cujos notaveis caracteristicos tem sido amplamente estudados; mas está agora averiguado que os globulos brancos vivos não secretam alexina, que é expellida pelos globulos desintegrados. Entre os productos de extracção dos corpusculos multinucleares, existe a alexina, encontrada tambem no extracto splenico e no liquido vermelho do osso, o qual se suppõe centro de formação dos leucocytos, si bem que o producto contido nesses centros seja insignificante comparado com o que se encontra no serum.

O poder bactericida dos animaes foi estudado vinte annos antes da descoberta das anti-toxinas, alexinas, etc. Os cientistas não estão agora longe de estabelecer o paradoxo de que os animaes, cujo serum sanguineo era o mais forte bactericida quando empregado experimentalmente fóra do corpo, sejam mais facilmente infectados quando os microbios fôrem injectados no sangue; o facto conduzirá a reconhecer que o sangue em condições normaes não representa o mesmo papel que o serum fóra do corpo e chega-se á conclusão de que o poder bactericida se desenvolve durante a coagulação do sangue, ao passo que Metchnikoff, indo mais longe, considera a destruição dos corpusculos brancos como o unico factor importante.

Muitas experiencias fóram feitas para determinar si o plasma do sangue contém alexina. O cão, o coelho, o carneiro fóram submittidos a exame, e no seu plasma fóram encontradas alexinas, sendo ellas tão abundantes quanto no serum respectivo.

Vendem-se collecções dos «Annaes» ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

A EGREJA E A ESCOLA

O EXCLUSIVISMO RELIGIOSO

No que diz respeito ao ensino, a politica da egreja romana varia conforme o paiz em que se exerce: onde, por ser differente a religião do Estado, se encontra o catholicismo inferiormente collocado, labuta a Egreja para conquistar, em egualdade de condições, o direito de ensinar; onde, porém, já existe esse direito, pretende ella obter supremacia, aspirando secretamente ao exclusivismo. E tal aspiração resulta, sem duvida, da lição dos seus modernos doutores, interpretes fieis das doutrinas asperas resultantes do SYLLABUS.

A verdade é esta: — a Egreja, em these, não reconhece ao Estado o direito de ensinar; apenas *supporta* sua intervenção nesse assumpto em troca de grandissimas liberdades e regalias, tendo sempre *esperança* de reconquistar a absoluta dominação espirital dos tempos idos..

O malsinado *exclusivismo no ensino* que, quando exercido e mantido por alguns governos, tanto exaspera e desespera os catholicos ultramontanos, elles bem o desejariam ver victorioso, no sentido contrario, isto é, si pudesse ser em favor da instrucção clerical. A realisação do idéal catholico consistiria na derrota do ensino leigo, visto como só á Egreja triumphante compete a divina missão de guiar as almas juvenis na senda do Saber!...

O catholicismo transige com o espirito da epocha, *apparentemente*; a transigencia real e completa, a concessão sincera e leal, fôra o mesmo que renegar as proprias bases da Religião, attentando contra a infallibilidade dos seus dogmas *eternos*.

Sustentando o systema theocratico, isto é, a preponderancia do *espiritual* sobre o *temporal*, a egreja romana não pôde admittir sua separação do Estado, porque este principio é manifestamente contrario ao SYLLABUS. Como se sabe, os artigos do SYLLABUS são affirmativos dos erros que a Egreja condemna; na negação dos principios alli expostos, é que está a verdade.

Esse serviço já foi feito, ha muito tempo, por um operoso jesuita, o padre Schrader, de Vienna. Elle tran-

sformou as proposições negativas do SYLLABUS em asserções positivas (1).

Procedendo a esse pequenino trabalho, encontrámos no SYLLABUS, (que encerra toda a doutrina philosophica, moral e politica da Egreja) os seguintes principios dogmaticos;

«A Egreja não deve ser separada do Estado». (Art. 55).

«Os catholicos não podem approvar um systema de educação independente da fé catholica e da auctoridade da Egreja». (Art. 48).

«A sciencia das coisas philosophicas e moraes, bem como as leis civis, não podem ser subtraídas á auctoridade divina e ecclesiastica». (Art. 57).

Os appellidados *catholicos-liberaes* que, na hora presente, esquecem estes dogmas da sua religião e pretendem acceitar os principios da Democracia, devem ter em mente o que succedeu ao eminentissimo Lammenais, em 1832. Elle tambem suppunha que deveria ser these catholica a da separação; elle tambem sonhava com uma Egreja liberal e democratica, alliada ás conquistas da Civlisação, respeitadora das liberdades conquistadas pela Grande Revolução e já então mantidas mais ou menos pelo Estado. Pois bem: elle, que tivera o applauso e o apoio dos espiritos religiosos da sua epocha; elle, que tivera a seu lado Lacordaire e Montalembert, viu toda a sua obra repellida pela Côte Papal, soffreu os maiores vexames, provocando a celebre encyclica *Mirari vos*, em que foi soberanamente declarado que a doutrina da separação não se coaduna com os principios da Egreja; que esses não se conciliam com a liberdade civil e politica, nem com a liberdade dos cultos, nem com a liberdade da imprensa.

O cardeal Pacca, em uma carta escripta por ordem do mesmo papa de então, dizia que «taes doutrinas poderiam, em dadas circumstancias, ser toleradas *como um mal menor*, mas nunca apresentadas por um catholico como bem ou coisa desejavel» (2).

No mesmo sentido se exprime, mais recentemente, o preclarissimo Leão XIII, quando, na encyclica *Libertas*

præstantissimum, alludindo á separação da Egreja do Estado, «QUE NÃO SE PÓDE, EM THESE, JUSTIFICAR NEM DEFENDER» — nella enxergava apenas uma situação toleravel porque praticamente *não era a peor*.

E' bem de ver que com taes principios não se harmonizam os das democracias modernas, e que, na questão do ensino, a Egreja, em these, não pôde acceitar a intervenção do Estado, pois se julga soberana e portadora unica da verdade revelada.

Isso proclamam solemnemente as mais altas auctoridades do catholicismo e os orientadores supremos do seu programma politico. A Egreja, rival do Estado, quer obter, pela Escola, o monopolio das almas. Leão XIII, condemnando a liberdade de cultos, ensinava que só ha um dever: o de abraçar a religião verdadeira, que é a catholica, indicada pela Providencia. Para o grande papa, a liberdade de cultos orçava por uma depravação da liberdade, *levando á servidão da alma pela abjecção do peccado*.

Dahi, (argumenta o senador francez Maximo Leconte) é logico concluir que só a egreja romana tem o direito de ensinar, que ninguem deve ensinar sem submeter-se á auctoridade da Egreja. Foi assim que, no Congresso Catholico Internacional, realiado em Lyon, no decorrer de 1885, se declarou que «em vão se procuraria attribuir ao Estado o direito, a competencia ou a missão do ensino.»

No congresso da Associação Catholica Franceza, que reuniu em 1899, o sr. Henrique Fraudière proclamava: «A Egreja, sociedade perfeita, tem para o ensino missão e aptidão sobrenaturaes, porque só ella possui a verdade certa, necessaria e sufficiente». Mais adiante: «E' preciso reconhecer que a Egreja tem direito de jurisdicção, de superintendencia particular, em materia de instrucção, mesmo profana». Eis o que é falar sem subterfugios!

Monsenhor Bernard, reitor das Faculdades Catholicas de Lille, referindo-se mais particularmente ao ensino academico, confessou: «Pela instrucção superior, a Egreja ha de retomar a direcção das almas, o sceptro da intelligencia, a governação dos homens.»

Nós, aqui, no Brazil, ainda não temos em funcções as universidades, nem as faculdades catholicas. Em compensação, assistimos a um phenomeno mais perigoso: — a derrama dos collegios clericas, fundados e dirigidos, quasi todos, por congregações religiosas expellidas da Europa! A influencia que tal ensino pôde exercer no espirito da mocidade será decisiva para a orientação da Republica. A natureza dessa influencia tem de participar necessariamente dos principios que deixámos apenas esboçados, no seu rigido exclusivismo.

E ninguem dirá que, indo nesse caminho, nos seja facil escapar ás luctas fraticidas que, em geral, resultam da educação clerical.

EVARISTO DE MORAES.

(1) Vide *Le Pape et le Concile*, de JANUS, trad. franc., pag. 16; *La Separation des Églises et de l'État*, por M. LECOMTE, pags. 84 e 515.

(2) LAMMENAIS, *Affaires de Rome*, pagina 134.

A LIVRARIA

«*ATRAVÉZ DA VIDA*», POR D. AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA—H. GARNIER, EDITOR—1906.

Não se faz necessario estarmos prevenidos de que este livrinho, — uma brochura de 127 paginas, — é uma obra de amador: elle nol-o dirá claramente por si. Além disso, mesmo que não vissemos a assignatura, estaria saltando aos olhos a que sexo o amador pertence. Essa obra não foi feita com simplicidade apenas; ha nella uma boa dose de genuidade, até.

O escriptor que se préza de o ser, veste sua phrase como a si proprio se veste para sair á rua. Além disso, como da porta para fóra, — á feição de toda a gente, — suas maneiras são maneiras de cidade, ademanes, sorrisos e cortezias que elle não precisa ter em familia, tambem a feição exterior de sua obra, quando esta lhe são das mãos para correr mundo, ha de ser civilisada e acceitosa, e a fórma escoreita, obedecendo, até certo ponto pelo menos, ao gosto da epocha.

Uma coisa é consequencia da outra. Si a physionomia e a *toilette* do trabalho levam um tal aspecto, suas falas não de ser tambem correspondentes a este. O que quer que tenha a dizer deve ser litterariamente dito, — em termos de gente de cultura, — além de que já deve vir dignamente

pensado, isto é, de accordo com o gosto intellectual reinante, que é o que dá mais apparencia de superioridade ao que os avisados e caprichosos produzem.

A sra. d. Amelia Bevilaqua escreve quasi como deve conversar com as pessôas que frequentem amistosamente sua casa no Recife, onde reside, sendo a digna esposa do sr. Clovis Bevilaqua. Ha no seu dizer muito da maneira nortista, não só na construcção da phrase, até ás vezes deliciosamente errada, como na applicação dos nomes e na escolha dos adjectivos, vocabulos que não raro nós do sul desconhecemos por completo e outras vezes encontramos alterados da significação que elles teem para as nossas bandas.

Este phenomeno é pouco commum, a não ser quando os escriptores procurem dar-nos conta por modo exclusivamente objectivo da linguagem popular no meio em que vivem. Mas isso porque, escrevendo por conta propria, a maior parte delles tem o cuidado de só se utilizar do vocabulario litterario que é commum a todo o Brazil, quando não seja a todos os que escrevem em portuguez, — do vocabulario e da syntaxe.

Não é por ignorancia que a auctora do *Atravéz da Vida* procede assim. Vê-se que a sra. d. Amelia Bevilaqua tem leitura e conhecimentos superiores ao que é commum ás damas em geral entre nós. A causa principal estará na sua relativa falta de habito de escrever, mas além disso na propria constituição organica do seu espirito, simples por natureza, até ao ponto de uma encantadora distracção, quasi que isso a que chamam *nonchalance* os francezes.

Seria preciso ser um homem excepcionalmente dotado de suavidade e mansuetude, de despretenção e ingenuidade até, dado mesmo o caso de ser um inviolado provinciano, cheio de paixão pela paz e cordialidade de seus pagos e avesso a todos os arrebiques e entouancias dos grandes centros, para poder chegar a produzir um trabalho assim.

Seria necessario que além de tudo isto houvesse nelle outra qualidade-sinha completativa: seria necessario que elle tivesse talento.

E' por isso que as paginas de que se trata merecem menção especial.

Difficilmente encontrar-se-á uma obrinha litteraria mais desataviada do que esta. O enredo é pobrissimo, como ordinariamente o das vidas provincianas. Pobre e sem grandes lances. O que se dá de mais vertiginoso entre os poucos personagens do romance, é um tombo de grande altura, á noite, tombo que custa a vida a um homem. Acontece até, porém, que este é o

mais antipathico typo da peça, de sorte que, si não se fica muito contente, tambem não dá para chorar.

Si a vida, porém, não é muito movimentada, em compensação é verdadeira. Ha atmosphera propria na obra, sente-se ser legitima a humanidade della, e o motivo emocional do trabalho foi concebido com verdadeira ternura e paixão.

A heroína do *Atravéz da vida* é um typo representativo da mulher brasileira em geral, passiva e meiga, atravessando a existencia inteira num sacrificio só, — bem mal empregado muitas vezes, — nem sempre, no emtanto, fazendo isto de voto proprio, mas por falta de energia para se revoltar contra o estabelecido pelas outras e o consagrado pela sociedade.

Quando é necessario, a sra. d. Amelia Bevilaqua sabe achar expressões felicissimas, sabe erguer-se á altura do assumpto, e dar ás paginas decisivas de seu livro a força necessaria para salvá-lo.

Foi com a sympathia devida a um espirito que terminei a leitura dessas paginas de ensaio, confesso que um tanto surprehendido, porque taes factos não são muito communs.

* *

«*AVENTURAS DO SR. PICKWICK*», VERSÃO PORTUGUEZA DE K. DE AVELLAR.—H. GARNIER, EDITOR—1906.

Este livro foi o que decidi da carreira de Carlos Dickens perante o publico inglez. São dois bem fornidos volumes em que o famoso humorista faz se desenrolarem trezentas aventuras em torno do sr. Pickwick, um colleccionador maniaco e ridiculo, com quem viajam não sei quantos sociarios do Club Pickwickano, mais ou menos ridiculos e maniacos como elle. E' o classico romance inglez, que em regra não fórma um verdadeiro conjuncto, mas representa, como este, uma série de episodios que nada tem que ver muitas vezes uns com os outros.

Dickens parece um precursor desta epocha em que estamos, das bicycletas e dos automoveis, elle que no seu tempo só pôde falar da velocidade maxima de 15 por hora, feita pelas carruagens a quatro cavallos, e isso quando terrivelmente fustigados os animaes. Ha nelle uma mobilidade rara, uma vida mesmo agitada, de qualquer modo violenta. Com Carlos Dickens o leitor não tem tempo de se aborrecer, porque as coisas e seus aspectos variam sempre, como nos kaleidoscopios.

Não é a primeira traducção do inglez devida ao sr. K. de Avellar que a casa Garnier edita. Ha pouco tempo,

ella nos deu um livro de Walter Scott, *Ivanhoe*, tambem traduzido pelo sr. Avellar, (si não se trata de um pseudonymo).

E' bom serviço este que se presta á nossa cultura. O abuso da litteratura franceza nos prejudica bastante, tanto mais hoje em dia que, principalmente em materia de obras de imaginação, a França está ficando relativamente tão pobre de valores.

Não sei quem é o traductor destes livros. Vê-se que elle conhece portuguez, mas que talvez resida em Paris e ha muito tempo. Vê-se isso pela impropriedade de certas expressões usadas nestes volumes, está se sentindo que por influencia do idioma francez.

NUNES VIDAL.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

PELO RIO NEGRO : A VAPOR, A REMO
E Á SIRGA

Havia quatro mezes que nos partiamos do Rio de Janeiro com destino á aspera fronteira da Venezuela, então muito mais extensa do que hoje, porque começava na cabeceira principal do rio Memachi, tributario do Naqueni, affluent do Alto Guainia, (nome do Rio Negro acima da cidade venezuelana de Marã) e ia até o Cerro Anay na divisa da Guyana ingleza, abrangendo cerca de nove gráus em longitude. Dois laudos arbitraes a rednziram a pouco mais de seis gráus de um extremo a outro. O primeiro, favoravel á Columbia, tirou-lhe a parte comprehendida entre a origem do Memachi e Cucuhy. O segundo deu á Inglaterra o territorio que se estende desde o Anay até á serra de Roruíma.

Estavamos em Uayanary, ponto terminal da navegação a vapor do Rio Negro. Pelo contracto da companhia do Amazonas, os seus vapores deveriam chegar até Santa Isabel Velha, povoação dos tempos coloniaes, cujas ruinas desappareceram nas sombras do capoeirão opulento que cresceu nas velhas ruas e hoje pede meças á floresta virgem, que estende ao lado as suas galas e magnificencias.

Os commandantes não cumpriam essa clausula do contracto. Em vez de subirem até o lugar onde a povoação existiu, approximavam-se algumas centenas, sinão milheiros, de metros, faziam uma bella *alé-larga* e iam fundear no porto de Uayanary. Assim se denominava o sitio do capitão Cordeiro, indio sem mescla e já de dias, pois durante muito tempo foi soldado do 5º de linha e obteve a sua baixa nas proximidades do anno quarenta. Chegou a capitão da Guarda Nacional e já estava desde muito refor-

çado, quando lhe passámos pelo sitio. Além da sua casa, que era um grande rancho de palha, com paredes de barro, havia algumas palhoças mais. Meia duzia de vaccas pastavam num pequeno campo artificial e algumas arvores fructiferas cresciam no terreno granitico.

Era numerosa a sua parentalha, que se confundia com os aggregados, entre os quaes mal se podiam distinguir os livres dos escravos, porque todos eram indios. Olhos exercitados, porém, descobriam logo nestes infelizes orificios no nariz e no labio inferior tapados com cêra de abelha. Esses pobres indios escravizados, que ainda existiam, para nossa vergonha, nos fins do seculo XIX, eram na maior parte da tribu Miranha, que habita o Japurá e seus affluentes. O velho capitão passava para estes rios subindo o Urubaxy, que desemboca proximo do seu sitio, ou o Marié, que afflue muito acima entre as pequenas povoações de S. José e S. Pedro. Os varadouros por terra são pouco extensos. Elle proprio os caçava e os aprisionava nas suas correrias ou os comprava altamala a sessenta e oitenta mil réis por cabeça. Quem sabe si naquelle fim do mundo, onde não chega a ponta do gladio da justiça publica, não se consummam ainda esses crimes abominaveis ?

Os vapores faziam a viagem redonda em uma semana, e não podiam ir além, por causa dos rapidos de Tapuruquára, que ficam umas dez milhas para cima e onde termina o baixo Rio Negro.

O indio váe de Tapuruquára a Camanáu. O alto, de Camanáu até á embocadura do canal Cassiquiáre. Dalli para cima perde o nome e é conhecido pelo de Guaiuya.

O baixo Rio Negro é enfadonho de se remontar. As aguas, inteiramente negras, as margens, que mal se avistam ou apparecem como estreitas faxas azuladas, o céu immenso cobrindo a monotona paizageu e o silencio da solidão, infiltrau n'alma sentimentos de profunda tristeza.

No tempo da vasante, são menos melancolicos os tons do grandioso quadro, que ás vezes chega a ser pittoresco.

As ilhas surgem verdejantes do seio das aguas escuras e deixam á mostra os flancos avermelhados de argilla ou denegridos de basalto, desnudados pela erosão eterna, solapados em grandes extensões e desmoronados allí e acolá, com arvores dasaprumadas e apenas sustidas por bastas comas de radículas, que a corrente mal lavou. Contrastando com o negrume da immensa face do rio, apparecem, de distancia em distancia, extensas praias brancas, orladas de verde

escuro, onde raras colhereiras de bico espatulado ponteiavam de roseo as areias alvas, que brilham aos raios do sol e não deixam distinguir de longe os bandos de pequenas garças da côr da neve, que nunca se maculam nos brejos e lamaças.

Solitario e pensativo repouzava mais adeante, equilibrado numa só perna, um tuyuyú, mirando philosophicamente alguns urubús que devoram, dando pequenos pulos e grasnando, o cadaver inchado dum jaguarétê que deu á costa.

A's vezes, raramente, avista-se na curva propicia dum remanso uma canôa encostada e amarrada pela bossa de cipó-imbê a um varejão fncado na praia.

E' uma familia de tapuyos, que váe para o seringal. O homem sésteia á sombra de um *tupé*, escorado em duas forquilhas que lhe antepára contra o sol, emquanto a *cunhã* assa ao brasido um peito gordo de *cunhãmocú* (tartaruga nova), que o seu *membyra* mais velho flechára ao chegar com a *sararaca*, flecha cuja ponta se deprende e segura por um fio que se desenrola, acompanha ao fundo a preza arpoada emquanto a outra parte fica fluctuando.

Quando a enchente vem, tudo muda. Os barrancos aluidos desmoronam-se arrastando na quêda grandes arvores, que a corrente, que se avoluma, váe levando. Fluctuam nos lagos as ilhas de *canaranas* e deslizam rio abaixo em immensos balseiros, coalhando de grandes manchas verdes a superficie negra e escondendo ninhos e serpentes entre as flôres azues e alvas dos *aguapés*.

Na cheia some-se tudo que restava de alegria ao rio triste. As ilhas vão para o fundo, deixando apenas o cimo verde do arvoredado, que a corrente agita docemente nos dias calmos, ou espedaça em ondas furiosas nos de tempestade. As praias todas afogam-se levando comsigo as palhoças abandonadas dos seringueiros e as cruces dos tumulos que lá ficaram da safra. Todas as lezírias transformam-se em fundos *igapós*. E' fatigante aquella natureza de acerba monotonia. Só se vê o céu, o rio e a floresta submersa. E' sempre assium, ermo, solitario, triste por leguas e dezenas de leguas ! E' o deserto !..

Que prazer quando passam alto dois casaes de araras dando gritos roucos e um bando de papagaios palrisqueiros em alarido, ou um *tucumaré* salta á prôa na babuge das aguas, mostrando o dorso de escamas douradas !

Leguas e leguas, dias e dias, sem uma casa !

De grandes em grandes distancias, avista-se, por entre a ramalhada som-

bria do *igapó*, um rancho sobre estas cascas num tezo de subida resvaladia onde os degraus da escada ficaram esborcinados pelo attricto da enchente e vive meio sitiado o tapuyo indolente, com a *cunhã* e a vasta prole, descuidado do futuro e esperando tudo do patrão que já fiou e continuará a fiar emquanto o tiver como escravo. Não se vê uma serra nem um cerro isolado até ás proximidades de Uayanary. Os primeiros lhes ficam nas immediações. São o Temendahy logo abaixo, e o Menihida defronte.

A mais de vinte leguas para o lado do norte, avistámos as serranias das cabeceiras do Marauia e do Marary, que formam a linha divisoria com Venezuela, e mostram, nos dias claros, o perfil alto e recortado.

O mais é a planicie interminavel do Amazonas, coberta de florestas impenetraveis, a cuja sombra os rios correm mansos, anastomosando-se em todas as direcções, grandes e fundos.

De longe em longe, passavamos por povoações de algumas casas de pobre aspecto que pareciam abandonadas, e infundiam n'alma indizível melancolia, por serem attestados dolorosos de uma decadencia que mostrava caminhar fatal e rapida para o anniquilamento.

Barcellos, a antiga capital da Capitania, onde os demarcadores do seculo XVIII caminhavam sobre custosas alfombras estendidas desde o cáes até o palacio do governador; onde as festas religiosas eram celebradas com desuzada pompa em um templo rico de alfaias, e as tropas se alojavam em quarteis; os doentes se tratavam em hospitaes e o povo morava em centenas de casas edificadas em ruas regulares; Barcellos estava reduzida a poucas palhoças, que as formigas já haviam conquistado ao homem indolente, devorado pela hypoemia tropical.

Do palacio de Lobo d'Almeida e outros governadores da Capitania do Rio Negro, restavam sómente os *nabos* dos esteios, carcomidos até ao rez do chão. A matriz havia desaparecido e no recinto sagrado onde os sacerdotes entoavam os hymnos religiosos, algumas vacas esqueleticas mugiam de sede e de fome. Das poutes de madeira, nem encontros, nem pegões, nem guardas, nem estradas havia mais: sómente um ou outro pedaço de viga podre pendia sobre o leito do igarapé correndo por urzaes e cheio de *piúns*. Dos quarteis, das fabricas, dos armazens militares, nenhuma noticia nos deram.

A casa do Ouvidor sumira-se tambem na voragem das ruinas. O juiz de direito da comarca, que fôra nosso companheiro de viagem, tomou posse em uma taverna, que servia de car-

torio. Eu fui tambem testemunha do acto e vi o illustre e culto magistrado, meu honrado patricio, escrever debruçado sobre o balcão, que tresandava a *pirahen* e a cachaça. Livrou-se, por sua distincção, dum epigramma.

Tauapeçacú (povoado novo), que nada tinha a justificar-lhe o nome, era meia duzia de casas no alto dum barauco elevado, onde cresciam as aboboreiras e o matapasto. Disseram-me que havia uma escola primaria, mas estava fechada porque o professor não vivia alli.

Ayrão, bem situada e pictoresca; Moura ou Itarendaua (logar de pedras) onde parecia ter havido o desmoronamento de uma montanha pedregosa, e os habitantes de vez em quando eram atacados pelos indios do rio Jauapery, que desemboca na margem fronteira, indios que um homem bom e valoroso amansou, tratando-os por alguns dias com cariuho; Cravoieiro, proximo á foz do Rio Branco e cheio de cearenses; e Moreira, a oitenta leguas de Manáus; todas, sem excepção, pareciam ir morrendo á mingua.

De Thomar, a antiga côrte do Rio Negro e patria do famoso Ambrosio Ayres Bararoá, com as suas cordoarias e fabricas de anil, restavam apenas as duas casas do Miguel Porphyrio e do Silva regatão. Além dellas, havia alguns ranchos, miseraveis palhoças sem paredes nem portas, onde moravam cearenses retirantes da formidavel secca de 1877, que foi tão util á civilisação e ao progresso da Amazonia.

A largura do rio é immensa. Nas proximidades de Moreira e dos bancos de Patauá, é computada em dezoito milhas. Talvez o calculo não seja rigorosamente exacto; mas, para bem avaliá-la, basta o facto de precizar uma canôa doze horas para ir duma á outra outra margem. Si sãe ao romper do dia, alcança o seu destino ao caír da tarde. E' um mar. Como elle, tem tempestades que o sublevam em ondas immensas e tragam as embarcações que não teem tempo de fugir ás suas coleras. Mas é um mar triste, com as aguas da côr das noites escuras, onde nada se pôde ver abaixo da tona, nem um peixe, nem um raio refracto do Sol. Guardei durante vinte annos uma garrafa dessa agua, que, ao captar, tinha a côr amarellada do ambar. Perdeu-a depois inteiramente, tornando-se branca e crystallina, como si fôsse apanhado no rio Carioca. Aparecia apenas, no fundo da garrafa, um pequeno e insignificante residuo. O seu colorido especial é attribuido por Alexandre de Humboldt a carburetos que as aguas levam em dissolução; e por outros á presença do acido ulmico. Os rios pretos e brancos já nascem

assim. Numa linha de vertentes, onde aguas que correm para o Cauabury se separam das que vão ao Demity, vi riachos brotarem abundantes do seio da terra, cada um com a sua côr: uns, brancos; outros, negros e nascendo a poucos metros de distancia.

Até Uayanary, fizemos a viagem no *Rio Branco*, vapor da Companhia do Amazonas, e no *Moêma*, aviso de guerra, com escassas accommodações e posto á disposição do nosso chefe pelo Governo.

Dalli para cima, fômos mais lentamente. Os membros da commissão, a escolta do Onze de linha, os empregados paizanos e os indios remeiros e todo o material, composto dos nossos instrumentos, da nossa bagagem e dos viveres que não eram poucos, distribuiram-se por tres grandes batelões, embarcações sem mastros e pezadissimas, especie de bagarras ou alvareugas, onde faltava espaço para irmos bem accommodados. Chamavam-se: *Rio Negro*, *Rio Branco* e *Cucuky*, e eram pintados de negro. Um tinha quilha, os outros eram *champsans*, com o fundo chato. Tinham todos toldos corridos de palha de ubim, pequena e utilissima palmeira amazonica. Os officiaes e empregados de maior categoria aboletaram-se á ré. Os outros, tripolantes militares e indios, dormiam sob a cobertura de prôa quando chovia; e, si fazia bom tempo, estendidos sobre a tolda ou nas redes, em terra, quando o batelão não passava a noite amarrado a algum ramo da floresta submersa.

Cada batelão conduzia, á tôa, uma pequena canôa, que servia principalmente para levar, agua arriba, a espia e amarral-a a um galho ou tronco marginal, afim de ser alada de bordo, nos trechos correntosos e profundos, onde não fôssem de proveito remos e varejões. Por tal mistér, davam á canôinha o nome de «montaria espieira». A equipação do remo de cada uma das nossas embarcações era de doze homens, sem contar o timoneiro, sempre indio, conhecido pelo nome nheengatú de *Jacumãyua*. Os remeiros eram tapuyos e soldados. Estes mostraram-se meio bisouhos na estrêa; mas adestraram-se em pouco tempo, por serem de bôa vontade e vigorosos.

Remavam os doze de pé sobre estrados corridos de taboinhas de pashíba, armados sobre as abas das toldas, junto ás bordas. Os remos tinham de comprido quatro metros e mais, e eram fixados, por estrôpos de cipó-imbé a forquilhas de meio metro de altura, que serviam de toletes.

Vogavam os pesados barcos lentamente, buscando os remansos, onde as aguas propicias pareciam impellil-as para cima.

Quando era inevitavel atravessar o

rio, de mais de uma legua de largo, para poupar uma curva demasiado extensa ou fugir de fortes correntezas, que espumavam coando-se através da ramalhada das arvores marginaes meio submersas pela enchente; perdiamos sempre muito do caminho feito, porque o batelão descaía na travessia, apesar da guarnição forçar muito a vóga. Quantas vezes, ao chegarmos á margem desejada, nos viamos arrasados pela corrente velóz, que não podia ser vencida a remo!

Dois ou tres homens então, armados de longas ganchorras de madeira, que aferravam nos galhos, aguentavam o batelão, enquanto a montaria espi-eira subia velóz, agua arriba, de vóga arrancada, a atar o chicote da espia mais adeante. Si acaso batia a ponta da ganchorra numa casa de maribondos, os homens, semi-nús, lançavam-se ao rio e o barco ía á garra. Não raro, os *ligeirões* se estendiam por milhas e leguas e as manobras de ganchos e sirgas repetiam-se horas e dias seguidos, experimentando a nossa paciencia, que nem sempre saía airosamente da penitencia.

DIONYSIO CERQUEIRA.

O PRIMEIRO artigo das *Reminiscencias da fronteira*, que o seu auctor nos mandou logo depois de ter concluido as da campanha do Paraguay, recebidas com geraes applausos, appareceu no num. 64, anno III, dos *Annaes*; o segundo, no 68; o terceiro, no 70; o quarto, no 72; o quinto, no 73; o sexto, no 74; o setimo é o artigo curiosissimo que se acabou de ler.

O ALMIRANTE (83)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVII

— E eu? — interrompeu a mar-queza.

— Vossa excellencia, querida mar-queza, possúe uma organização primorosamente dotada de resistencias. Resistiu heroicamente a todos os re-vezes, venceu os mais crueis transes da vida, alimentando sempre uma as-piração, um idéal superior, que pu-nham em permanente actividade o seu cerebro...

— Eu fui uma victima da sorte...

— Por isso mesmo, é uma vencedora, Os soffrimentos Moraes, os accidentes que perturbaram o seu caminho forne-ceram os meios de destaque das suas admiraveis qualidades. Vossa excel-lencia, apesar de tudo, está admira-velmente apercebida para viver muito, apesar de ter consumido inutilmente as suas forças...

— Inutilmente?!...

— Sim, inutilmente. Tudo o que a senhora dispendeu nos seus sonhos po-líticos, foi em pura perda. A politica não se nutre de idéas, age numa zona demasiado inferior para a nobre acti-vidade de uma senhora que não se póde emmaranhar impunemente nas sendas tortuosas de baixezas, de vilanias, de interesses subalternos, que conduzem os exploradores á victoria.

— Eu tinha um idéal.

— Por isso mesmo soffreu continuas decepções, que tiveram o effeito de desilludil-a...

— Quem sabe...

— Insistir seria injustificavel. O seu lar se restaurou por um milagre, offe-recendo-lhe um campo de largo des-cortino ás suas aspirações puramente femininas.

Hortencia parecia absorta, inteira-mente empolgada pelas palavras de Souza e Mello, encontrando nellas uma diversão para a seu espirito atribulado, um lenitivo para as maguas, exacerbadas cruelmente pelas insinu-ações da irmã.

— O doutor Souza e Mello — disse Amelia, intervindo em busca de um pretexto para se subtraír áquella oppressiva situação — chegou, afinal, á politica, ao assumpto predilecto, que me excita os nervos.

— Vejam — retorquiu o advogado, unum tom humilhado—como se enter-pretam mal as melhores intenções deste mundo. En detesto a politica...

Amelia ergueu-se, foi á varanda, volveu, percorrendo a casa como si inspeccionasse sem pretensão o novo arranjo dos moveis e desceu lenta-mente para o parque. Hortencia e Oscar viram-na desaparecer sob as ogivas ondulantes do bambual, mar-chando em passo firme, candenciado, num movimento sereno e gracioso.

A conversação, interrompida por breve pausa occasionada pela saída de Amelia, reatou-se. Souza e Mello continuou a falar de politica com o habitual pessimismo, comprazendo em desfolhar cruelmente, uma a uma, as fanadas illusões da marqueza, que não ouzava retorquir, tanto lhe calavam na consciencia as palavras do velho amigo, demonstrando-lhe a insania de um idéal morto, essa campanha da res-tauração de que uma mulher superior era o symbolo saudoso.

Não eram, porém, as considerações do homem inspirado na experiencia, no conhecimento exacto dos homens, dos estadistas de melhor destaque, sem convicções, sem fé, sem coragem; não eram os prognosticos do movi-mento politico os objectivos da pre-occupação de Oscar e Hortencia na-quelle momento: elles pensavam no desenlace da comedia passional em que figuravam como principaes perso-nagens: procuravam, em vão, o meio

de uma conciliação impossivel entre os sentimentos que os dominavam e o ridiculo, a imposição das convenções sociaes e, sobretudo, o receio de ma-guar a marqueza, toda embevecida na supposta ventura do casal que parecia a realização de um supremo sonho. Fixavam ambos a esperança na acção do habito, da convivencia intima, para vencerem os melindres, até a repu-gnancia, como se a acontecer na grande maioria dos casamentos sem amor. Nem elle, nem ella disfarçavam a diffi-culdade da attitude respectiva nessa vida de intimidade, de contínuo con-tacto, suffocando os sinceros impulsos poderosos e divergentes.

Oscar esperava o momento de estar a sós com a esposa para lhe desvendar francamente o coração. Hortencia, presentindo com terror a aproximação desse momento, procurava todos os meios de evital-o. Por isso comprazia-se em prolongar a conversação que lhe não interessava, retinha Souza e Mello e a marqueza, supportára heroicamente a intervenção cruel da irmã e aguardava serenamente a annun-ciada visita de Dolores que viria ao encontro dos seus planos de dissimu-lação, de resistencia a todo o transe.

— Muito bem, meus caros amigos— disse Souza e Mello, erguendo-se e consultando o relógio — a companhia é agradabilissima, mas estou vendo que tagarelei de mais para uma visita a um convalescente.

— Não pense nisso, doutor— disse Hortencia vivamente, sentindo pul-sar-lhe em sobresalto o coração — E' tão cedo.. Porque não fica para jantar connosco?

Souza e Mello recuzou cortezmente e partiu acompanhado pela marqueza.

Oscar os conduziu ao patamar da escada e beijou as mãos da marqueza, que lhe recommendava a necessidade de não abusar das forças, miraculosa-mente restauradas. Ao deixal-a, approxi-mou-se lentamente de Hortencia, que o aguardava muito pallida, tremendo de commoção, fitando os olhos quasi cerrados na alcatifa oriental que cobria o assoalho.

— Hortencia — murmurou elle, com vóz quasi sumida — Eu comprehendo o vexame ante a situação em que te collocaste por um impulso de genero-sidade, cujas consequencias não pre-viste... como eu também não poderia prever, tão certo estava de um desen-lace fatal... Mas... uós somos con-duzidos por impulsos superiores á nossa vontade e é forçoso nos submet-termos, nos resignarmos ao seu impe-rio ineluctavel.. Eu era um nau-frago. A onda que me devia tragar, arrojou-me a um paiz desconhecido, ao paiz da ventura não sonhada... donde descortinei os novos horisontes da minha vida...

Hortencia ouvia, tremula de commoção, as percucientes palavras do marido.

— Bem sei — continuou elle mais animado, mais ardente — que sellaste a tua dedicação generosa, incomparavel, naquelle doloroso transe entre a vida e a morte, com o mais sublime acto de abnegação que se póde exigir de uma mulher, ligando á minha sorte desesperada o teu destino, os teus idéaes de moça... Mas eu não sou culpado disso; eu não exigi de ti um sacrificio que em condições normaes nunca me passaria pela mente, em bóra te amasse com paixão, como agóra...

— A culpada fui eu — murmurou Hortencia, com palavras interrompidas pelo ancioso arfar do seio — obedeci ao que pensava ser o meu dever, depois...

— Depois... comprehendeste todo o horror da situação monstruosa a que te havias arrojado; não é assim?..

— E' verdade... Eu seria duplamente criminosa si mentisse neste momento. Comprehendí que esse casamento era uma alliança monstruosa, um sacrificio talvez superior ás minhas forças.. Perdôa-me Oscar, perdôa-me.

Oscar tomou-lhe as mãos geladas.

— Medi — continuou a moça, exaltando-se com a revelação do estado de sua alma — todas as consequencias; cheguei a pensar que, passada aquella crise afflictiva, poderíamos volver á liberdade; tu serias bastante generoso para me libertar desse sacrificio consagrado em condições tão excepçionaes... Veio-me depois ao espirito o ridiculo desse desenlace.

— O juizo da sociedade.

— O que seria de mim, rebaixando-me á triste condição de uma ambiciosa vulgar, uma ambiciosa que fugia aos compromissos de um negocio malogrado.

— Tu pensaste nisso, Hortencia?

— Sim. E deliberei supportar todas as consequencias dos meus actos. Nunca te diria isto si não me sentisse obrigada a corresponder á tua sinceridade...

— Sinceridade que amenizará a triste situação em que nos achamos...

— Penso que te devo expor a minha alma, a ti, ao homem que é meu marido, sem restricções.

— Sim, sem restricções — insistiu Oscar, de olhos embebidos nos grandes olhos luminosos da formosa Hortencia.

— Eu te considero o melhor dos homens. Desde menina, habituei-me ao teu carinho paternal, a querer-te como creatura superior; nunca me passou pela mente ser tua mulher.

Hortencia calou-se, extenuada pelo esforço dessa confissão, que não havia

atingido ao ponto mais melindroso e mais difficil. Ella hesitava, como si colhesse energias para continuar ou aguardar a replica de Oscar, que se conservava num silencio attento.

— Esse affecto filial — continuou Hortencia, num herculeo esforço, como si triturasse as palavras — não me impunha compromissos; eu era livre... eu podia...

— Tu podias amar... — interrompeu Oscar, vivamente.

— Eu podia amar — replicou Hortencia, com firmeza.

— E amaste?...

— Amei...

Oscar ergueu-se, percorreu a sala descompassadamente e parou um instante á varanda, suffocado pela commoção daquella cruel franqueza. Hortencia permanecia na mesma attitude, hirta, aniquilada, apavorada pelo movimento do marido.

— Perdôa-me Hortencia — murmurou Oscar, volvendo humilhado para junto della — Perdôa-me, minha querida, este movimento que não pude conter. Essa terrivel revelação foi superior ao meu esforço para te imitar nessa calma digna...

— Eu appello — retrucou Hortencia, num tom de supplica maguada — para o sacrificio desse amor, como tu farás o do teu...

— Não é possivel porque te amo como se ama pela primeira na minha idade...

— Tu amas outra mulher...

— Outra mulher!? — exclamou Oscar, surprehendido.

— Tu amas Dolores...

— Dolores? Que cruel gracejo!...

— O seu nome te saía dos labios, quando eu velava por ti...

— Num momento de delirio...

— Em que o teu coração se abriu apaixonado... Não comprehendeste as insinuações de Amelia, a crueldade com que ella te torturava a ti e a mim?... Mas... não insistirei nisso... Nós somos dois infelizes, amarrados ao mesmo grilhão. Pódes confiar absolutamente em mim, como eu fio de ti, da tua honra...

— Que pretendes fazer?...

— Eu serei tua mulher para a sociedade, para a nossa querida marqueza, para todos... tu serás meu marido e juntos representaremos a comedia da felicidade, até que... Eu não ouzo esperar nada... O tempo resolverá...

— Propões o impossivel, essa comedia torturante, porque te amo com paixão...

Oscar estendeu os braços para conchegal-a ao peito e estacou ante a impassibilidade de Hortencia.

— Mas, minha adorada, sê razoavel — continuou elle, num contido assomo de ternura — Não exaggeres a nossa situação. Resignemo-nos a ella, uma

vez que não queres saír della bruscamente. Poderemos viver felizes, confiando-nos, sem resistencia, as consequencias inevitaveis dos nossos actos. Eu farei por ser amado, procurarei com abnegada ternura conquistar-te o coração, tornando-me digno do teu amor. Não me feches as portas da esperanza, não me repillas com essa frieza que me exaspera...

Nos olhos de Hortencia, esmaltados de lagrimas que não desbordavam, brilhava um doce fulgor de piedade.

— Não me queiras mal, Oscar — supplicou ella, tomando-lhe as mãos abrazadas — Ampara-me, ajuda-me a transpor este transe. Tu és bom, és generoso. Não me mortifiques...

— Tranquilliza-te — respondeu elle, submisso — Por mais cruel que seja o sacrificio que me impões, eu me submetterei; eu te obedecerei sem protesto, sem queixume.

(Continúa)

Vendem-se collecções dos « Annaes » ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

XADREZ

TORNEIO INTERNACIONAL NO RIO

Cauzou o mais intenso interesse a noticia do numero passado, sobre a idéa de se realizar para o anno nesta cidade um grande torneio internacional, ao qual concorreriam os maiores mestres do mundo. Grande numero de amadores se tem promptificado a concorrer com a sua contribuição para o magnifico acontecimento.

Renovamos o appello feito a todas as associações e amadores, para que auxiliem o projecto com o seu concurso material, bastando que nos enviem a sua adhesão e a quota que subscreverem e que no momento opportuno o Club dos Diarios recolherá.

Diz-se que este club entrará, pela sua parte, com vinte contos pelo menos.

O XADREZ EM S. PAULO

O Club Internacional de Xadrez, formado com o elemento dissidente do antigo Club de Xadrez, váe em grande prosperidade, contando cerca de 100 socios. A sua actual directoria é assim composta: presidente, dr. J. E. de Macedo Soares; vice-presidente, dr. Vicente Guilherme; secretario, José Alves de Araujo; thezoureiro, Luiz Vasconcellos; 1º director, S. Melillo; 2º director, Jerosch; commissão de finanças, João Motta, Octavio Motta e José Neves Lobo.

O redactor desta secção foi nomeado socio correspondente do Club Internacional

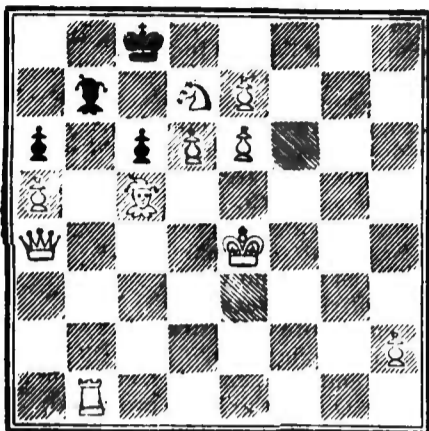
nesta capital. Somos gratissimos á distincção.

**

PROBLEMA (lavverso) N. 49

Annibal da Costa Pereira (Rio)

PRETAS (4)



BRANCAS (10)

As Brancas jogam e obrigam as Pretas a dar mate em 5 lances.

— E' a primeira vez que publicamos um problema desta natureza. O perde-ganha no xadrez é, ao nosso ver, uma coisa absurda. No genero, porém, este problema, de um amator de grande futuro, é muito curioso e elegante. Do mesmo já publicámos, em tempo, um magnifico problema em dois lances.

**

PARTIDA N. 55

(Jogada no Club dos Diarios a 4 maio de 1906)

PARTIDA VIENNENSE

Branças	Pretas
(R. Teichmann)	(José Piza)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B D	— 2 — C 3 B D (a)
P 4 B R	— 3 — P 3 D
C 3 B R	— 4 — B 2 R
B 5 C D	— 5 — B 5 C R
Roque	— 6 — B 2 D (b)
B X C	— 7 — B X B
P 4 D	— 8 — P X P B
B X P	— 9 — C 3 B R
D 3 D	— 10 — Roque
P 5 D	— 11 — B 1 R
C 4 D	— 12 — C 2 D
C 5 B R	— 13 — C 4 R
B X C	— 14 — P X B
T 3 B	— 15 — B 2 D
C X B x	— 16 — D X C
T D 1 B	— 17 — P 3 B R
C 1 D	— 18 — D 4 B x
C 3 R	— 19 — T 2 B
P 3 T R	— 20 — T D 1 B R
P 4 C R	— 21 — P 3 B D
P 4 B D	— 22 — P X P (c)
P R X P	— 23 — P 4 C D
P 3 C D	— 24 — P X P
P X P	— 25 — P 4 B R
P X P	— 26 — T X P
T X T	— 27 — T X T
T X T	— 28 — B X T
D 3 B D	— 29 — B 5 R
R 2 B	— 30 — D 5 D (d)
D X D	— 31 — P X D
C 4 C	— 32 — R 2 B
C 5 R x	— 33 — R 1 R
P 6 D	— 34 — B 4 B
P 4 T R	— 35 — P 4 T D
P 5 B D	— 36 — R 1 D
P 6 B D	— 37 — R 1 B D
C 4 B D	— 38 — P 5 T D
C 6 C x	— 39 — R 1 C
C X P	— 40 — P 3 T

C 5 B — 41 — R 1 B
P 5 T R — 42 — B 5 C
P 4 T D — 43 — abandon. (e)

(a) O dr. Caldas Vianna jogou na sua partida com Teichmann 2... C 3 B R, que parece mais forte.

(b) Tempos perdidos.

(c) Este lance é inferior, pois abre a diagonal da Dama sobre o fraquissimo P T R.

(d) Fraco. Os tres piões passados tornam-se irresistiveis.

(e) Este final foi jogado pelas Pretas com um grande descuido. E' um jogo desvaído e sem destino, que não é o ordinario do dr. Piza.

**

Feliciano M. de Moraes Filho e Henrique de Barros e Azevedo. — Recebemos.

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 48 (Feliciano M. de Moraes Filho): C 7 C D.

JOSÉ GETULIO.

TEMOS O PRAZER de publicar, hoje, na pagina que se segue, *O Aboio*, — uma bella pagina de arte assignada por Henrique Castriciano, o conhecido e notavel poeta nortista, auctor das *Vibrações*, *Mãe* e outros livros de versos, recebidos em toda a parte com a nota excepcional correspondente ao real valor que elles trazem.

O Aboio, de tanta e tão meiga suggestão local por um lado, e, por outro, sendo um canto tão largamente humano, producto do que se pôde chamar a grande lyra, alevantado e terso, é apto a dar aos nossos leitores uma idéa da superioridade do poeta, a quem agradecemos o presente régio com que nos honrou.

RECEBEMOS:

— «*Ultimo Fauno*», do sr. João Grave; edição da livraria Chardron, do Porto.

— «*Aventuras do sr. Pickwick*», de Dickens, versão portugueza do sr. K. d'Avellar; dois vols.; edição da casa Garnier.

— «*Atravéz da vida*», da sra. Amelia de Freitas Bevilacqua; edição da casa Garnier.

— «*Esculem*», de Benjamin Rabier; rica edição illustrada de historias para creança, da casa Garnier.

— «*Questão de limites entre os Estados do Paraná e Santa Catharina*», memoria apresentada a favor da causa desse ultimo Estado, pelo advogado sr. Manoel Coelho Rodrigues.

— «*Fauna fluvial de Goiás*», excellente contribuição para o conhecimento vulgar dos peixes e mais especies fluviaes e lacustres do Brazil central, vol. II, pelo nosso esforçado collaborador o sr. tenente do exercito Henrique Silva.

— «*Notas sobre a terminologia medica portugueza*», pelo doutor Placido Barbosa.

— «*Livro das donas e donzellas*», pela sra. Julia Lopes de Almeida; edição de luxo da casa Alves. Em tempo, o sr. Nunes Vidal falará desse livro.

— «*A execução de Silvino de Macedo*, es-

tudo critico e historico», pelo dr. Vicente Ferrer de Arango; 2ª edição, Recife, 1906.

E' um opusculo de 100 paginas, interessante e curioso. O illustre auctor diz no prefacio ter expurgado o seu trabalho de algumas incorrecções historicas constantes da 1ª edição.

— «*As creanças*», palestra litteraria pronunciada por Franklin Magalhães, nos salões do Eden-Club, de S. João d'El Rei, na noite de natal de 1905.

— «*O Positivismo e o recurso ás insurreicções*», pelo sr. R. Teixeira Mendes.

Já são bem conhecidos do publico os artigos, dados a lume nos *pedidos do Jornal do Commercio*, que esse homem, verdadeiramente illustre e bom, agora reúne, conforme as praxes do Apostolado, em um volume de 120 paginas. Terá, pois, visto com que superioridade mental e moral o sr. Teixeira Mendes sustentou a bõa doutrina—dentro do criterio das suas profundas e venerandas convicções positivistas—a respeito da materia que debateu com um official do nosso exercito, uma das figuras dos acontecimentos de 14 de novembro de 1904. A razão estava com o sr. Mendes, e tanto mais quanto ultimamente o seu adversario, arrependido das affrontas que lhe dirigiu e certo de ter errado, declarou-se vencido e convencido.

— «*As grèves*, a ordem republicana e a reorganisação social, a propózito da greve na Companhia Paulista de vias férreas e fluviaes», pelo mesmo auctor.

— Mais uma revista — *Brazil Moderno*. E' mensal, illustrada. O seu primeiro numero, que recebemos com viva sympathia, é mais um signal do máu gosto e pouco cuidado das nossas artes typographicas.

Do seu texto, devemos destacar um bom e digno artigo do sr. Fabio Luz. E' de ver a louvavel independencia e elevação de conceitos com que esse escriptor, falando de uma «sessão litteraria», critica as «produccões» dos seus amigos. Este exemplo é perfeitamente bello e merece ser animado contra as preoccupações antipathicas das *colleties*.

— «*O Theatro*», num. 1 e 2, série II, muito melhorado, muito noticioso, cheio de carinhoso interesse para com a sua especialidade; edição da livraria Cruz Coutinho, desta Capital.

Já está no seu num. 4 a *Revista Amazonense*, publicação official sobre instrucção publica, sciencias, letras e artes. E' seu director o sr. Octavio Pires. Essa nossa collega do norte é bem feita, bem na altura do seu programma e apparece pontualmente todos os mezes.

— «*Os Serões*», num. 9 de março ultimo. E' um numero copioso, rico e interessante, tanto na parte illustrada como na escripta. Aliás, é sempre assim a brilhante revista portugueza.

O ABOIO

A CLOVIS BRVILAQUA

Ah ! como é triste o aboio ! ah, como é triste o canto
Sem palavras — tão vago ! — a saudade exprimindo
Das selvas do sertão, no mez de junho rindo
Pelos olhos azues das creanças, emquanto
No tamarindo verde, azas abertas, trina
A' beira dos curraes, o gallo-de-campina !

A' tarde, ao pôr do sol, do vento ao brando açoite,
O robusto camponio, o velho sertanejo,
Envia a alma ao Azul, deixa-a ir num adejo ;
Pede a Deus que ella alcance o coração da noite
Porque sómente a sombra exprime essa incerteza
Que padece, a tremer, em face á Natureza.
Do largo seio nú, sae-lhe, em ondas sonoras,
A lembrança feliz de todas as auroras
E a tremula expansão de todas as saudades.
Essa maguada voz que acorda as soledades,
Na sua grande queixa, é o gemido e o brado
De uma raça infeliz, cujo longo passado
Symboliza o clamor da miseria e da fome,
Procurando exprimir tanta angustia sem nome.
Inda agora repete, ao incendio do poente,
Ao sombrio pallor da tarde que se esvae,
— Emquanto na Egrejinha a saudade resôa —
Essa mesma canção desolada e tremente
Que ha seculos — ouvi ! — modulamos num ai !
Por isso, quando a voz do sertanejo entôa
Seu gorgeado psalmo, a gente queda e scisma ;
O nosso coração silencia e se abysma
No pego da saudade e, lá do fundo, arranca
Não sei que doce flôr emmurhecida e branca.
A lettra da canção ninguem, ninguem conhece,
Mas sabemos que alli chora e gente uma prece
Desolada e sem fim, cuja modulação
Si coubesse num rythmo, era o do coração.
E, quando o sertanejo, a larga fronte nua,
Voltada para o céu, de onde sorri a lua,
Diz, no cantico vago, o que a su'alma encerra,
Ah, nós sentimos bem que fala a nossa terra !
E' a raça cabocla, a lusa e a africana
Procurando exprimir sua dôr sobrehumana.
Essa dorida voz, de ondulações extranhas
Forte, através do espaço e através das montanhas,
E' a mesma que veio entoando pelos mares
As orações de fé da patria portugueza ;
Que, na lingua tupy, em incertos cantares,
Primeiro celebrou a nossa natureza ;
Que, depois de soffrer as amarguras do eito,
Pobre raça infeliz, nos embalou no leito !
E como exprime bem o sussurro das mattas !
O soluço do vento e o gemer das cascatas !
O mugido do gado e o barulho da selva !
A voz do passaredo, a cantar sobre a relva,
E o zizado do insecto e o gemer da araponga,
Cujos brados de dôr nas quebradas se alonga
E váe-se pelo espaço, errante e dolorido,
E váe-se pelo azul, fundo como um gemido !
O sertanejo diz, na rude litania,
Que lhe sae da garganta, o que outr'ora dizia
O curvo bisavô, vendo chegar ao aprisco
O manso gado nédio, o gado manso ou arisco.
Conta que é bom o Inverno e o tempo da Fartura
Quando, provido o lar, bem junto á companheira,
Passa a noite narrando, ao clarão da fogueira,
As lendas da carocha aos filhos pequeninos
Que levantando, a rir, os olhitos divinos
Procuram ver em cima, á luz dos astros brancos,
O Cruzeiro do Sul, abrindo os braços francos...
Lembra os dias azues de socego e de calma
Quando os carnahubas, movendo a verde palma,
E as juremas, em flôr, cantam hymnos á Vida
Pela voz sem igual da graúna sentida.
E a noite immorredora, a noite de S. João,
Toucada de jasmims, cravo e mangiricão,
A sonhar, a sonhar no seio bom da viola
Onde pulsa a alegria e a saudade se estiola ;
E a noite de Natal, esplendida de luz,
Cheia do coração immenso de Jesus...

Tudo passa na voz do pobre sertanejo
Como passa no labio, a caricia de um beijo !
Depois, — quanta amargura ! — a voz dorida exprime
A historia a mais pungente e a mais brutal de um crime
Do Sol, — o creador da Existencia e da Morte !
O filho dos sertões dessas terras do Norte
Engeitado da patria, ao dilatar-se o Estio,
Vendo o leito seccar das lagôas, do rio,
O panasco desfeito, o mimoso acabado,
Os filhos semi-nús, morto de fome o gado, —
Somnambulo da dôr, phantasma louco e incerto,
Foge, deixando o lar para sempre deserto.
Lucta primeiro, lucta, heroico e destemido,
Contra o sol, contra o céu, contra o desconhecido.
Trava o combate audaz dos guerreiros inermes :
Quer a Morte vencer e, da gula dos vermes,
A ninhada arrancar, vida de sua vida,
Moribundo clarão de uma aurora esquecida.
Quando não pôde mais, buscando o Firmamento,
Fita o concavo azul ; sobre as azas do vento,
Lá vâa para Deus ! Ora constricto, reza,
Alli em frente ao nada e em frente á Natureza !
No infinito abrazado, amarello, de jalde,
Clama, chorando, a prece, e embalde, embalde, embalde !
Sente-se, emfim, exausto. O olhar grave e profundo,
Tem allucinações de quem está num mundo
Onde o sol é de fogo e a lua, tão fria,
Recorda o miserere extranho da agonia.
Jaz a enxada no chão, improductiva a um canto ;
Ergue-a desolado e — a face torva em pranto —
Fere-a de encontro ao sólo, entre cardos e pedra,
Para atirar ahi, onde a vida não medra,
Não o germen da flôr, luz de invisível brilho,
Mas dois olhos azues : os do primeiro filho.
E' então que elle parte : agora a enxada antiga
Já não pôde servir como uma bôa amiga :
E' o instrumento máu que ha de ajudar á Sorte
Para rasgar-lhe o seio e feril-o de morte.
Encoraja a mulher ; pede a Deus, de mãos postas,
Que o ajude a transpôr essas velhas encostas
Onde outr'ora brincou, ridente e pequenino
Cheio dos sonhos bons dos tempos de menino.
E' é partir, é partir !

No alpendre, desolado,
No rosto as duas mãos, recorda o seu passado
Ao sinistro clamor dos hirtos arvoredos
Em cujos ramos nús diz o vento segredos.
Tudo por terra jaz estarrecido e morto :
Não soffreu mais Jesus na sombra do seu horto.
Desfeita, extincta a fé, exaurida a esperanza,
O rude luctador chora como creança :
Pois quem é que resiste á agoniã sem nome
De sepultar os seus, mirrados pela fome ?
E' partir, é partir !

Põe um filhinho ao hombro,
Cede um outro á mulher, cheia de medo e assombro,
Lança a vista em redor... Do alto de uma collina
Nesse transe infeliz contempla o lar amado,
O musgoso perfil da capellinha em ruina,
A casa onde nasceu, junto ao rio prateado,
Onde a verde oiticica e o antigo joazeiro
Davam sombra e repousa á manada e ao vaqueiro...
— « Adeus, serras azues ! Adeus, serenos montes,
A subir para o céu, rasgando os horisontes !
O' clareiras sem fim no dorso das quebradas,
Onde grita a jandaia, e as manhãs orvalhadas
Fulgem, quando sorri, na doce paz dos campos,
A serrana gentil, á luz dos céos escampos !
Moitas de mussambê, florindo em julho e agosto
No leito do riacho, ao morrer da sol posto !
Ninhos de jassanãs, á beira das lagôas,
Onde mugem os bois, almas doces e boas,
E floresce o jucá, na sonora alegria
Dos mezes festivaes do amor e da Invernã !
Adeus, noites de abril, negras como o veíludo,
Varzeas, adeus tambem, e montanhas e tudo ! »

E' isso o que nos diz, ás horas da trindade,
O rude sertanejo, anciando de saudade,
Nessa triste canção, doce como uma prece,
Cujos lettras ninguem adivinha ou conhece,
Mas cujo pensamento, unido de emoção,
Si coubesse num rythmo, era o do coração !

HENRIQUE CASTRICIANO.